

Doutrina de Vida Para a Nova Jerusalém

Emanuel Swedenborg

Cap. I Toda religião pertence à vida, e a vida da religião é fazer o bem

1. Todo homem que tem religião sabe e reconhece que aquele que vive bem é salvo, e que aquele que vive mal é condenado. Com efeito, ele sabe e reconhece que aquele que vive bem pensa bem, não somente a respeito de Deus, mas também a respeito do próximo, porém não aquele que vive mal. A vida do homem é seu amor, e o que o homem ama, não somente ele o faz com prazer, como também nisso pensa com prazer. Se, portanto se diz que a vida da religião é fazer o bem, é porque fazer o bem faz um com pensar no bem; se essas duas coisas não fazem um no homem, não pertencem à sua vida. Mas essas proposições serão demonstradas no que se segue.

2. Que a religião pertença à vida, e que a vida da religião seja fazer o bem, todo homem que lê a Palavra o vê e, quando a lê, o reconhece. Na Palavra estão estas passagens: “Qualquer que violar um destes mais pequenos preceitos, e assim ensinar os homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumpre e ensina será chamado grande no reino dos céus”.

“Eu vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus.” (Mat. 5: 19, 20). “Toda árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo; por isso, pelos seus frutos os conhecereis.” (Mat. 7:19, 20).

“Nem todo o que Me diz: Senhor! Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos céus.” (Mat. 7:21).

“Muitos Me dirão naquele dia: Senhor! Senhor! não profetizamos por Teu Nome e em Teu Nome não fizemos muitas virtudes? Mas então lhes confessarei: Nunca vos conheci! apartai-vos de Mim, vós que obrais iniquidade.” (Mat. 7:22, 23).

“Todo aquele... que ouve as Minhas palavras, e as pratica, compará-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. Mas aquele que ouve as Minhas palavras, e não as pratica, será comparado ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia.” (Mat. 7:24, 26).

“Jesus disse: O semeador saiu a semear... uma semente caiu sobre o caminho duro... outra, em pedregais; ... outra, entre espinhos; e outra, em boa terra. O que foi semeado em boa terra, esse é o que ouve e atende a Palavra, e esse, daí, dá fruto, e produz, um, cem, outro sessenta, e outro trinta. Quando

Jesus disse estas palavras, clamou, dizendo: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!” (Mat. 13:3,9, 23).

“Virá... o Filho do homem na glória de Seu Pai... e então dará a cada um segundo seus feitos.” (Mat. 16: 27).

“O reino de Deus vos será tirado e será dado a uma nação que produz seus frutos.” (Mat. 21:43).

“Quando... vier o Filho do homem em Sua glória... então Se assentará no trono de glória. E dirá às ovelhas à direita: Vinde, benditos... e possuí por herança o reino preparado para vós desde a fundação do mundo; porque tive fome, e destes-Me de comer; tive sede, e destes-Me de beber; fui estrangeiro, e hospedastes-Me; estive nu, e vestistes-Me; estive doente, e visitastes-Me; na prisão estive, e viestes a Mim. Então os justos... responderão: Quando Te vimos assim?... Mas, respondendo, o Rei,... dirá: Amém vos digo que, quando o fizestes a um dos mais pequenos de Meus irmãos, a Mim o fizestes. E o Rei dirá coisas semelhantes aos bodes, que estiverem à esquerda; e como estes não fizeram tais coisas, dirá: Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.” (Mat. 25: 31 a 46).

“Dai... frutos dignos de penitência. Já, já... está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo.” (Luc. 3:8,9).

“Jesus disse: Porque... Me chamais Senhor! Senhor ! e não fazeis o que digo? Todo aquele que vem a Mim. e ouve as minhas palavras, e as pratica... é semelhante a um homem que edifica uma casa, e pôs os alicerces sobre a rocha;... mas o que ouve e não pratica é semelhante a um homem que edificou uma casa sobre o humo, sem alicerces.” (Luc. 6:46 a 49).

“Jesus disse: Minha mãe e Meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a praticam.” (Luc. 8:21).

“Então começareis a estar [de fora] e bater à porta, dizendo: Senhor, ... abre-nos; mas, respondendo, vos dirá: Não sei donde vós sois;... Apartai-vos de Mim, vós todos, obreiros de iniquidade.” (Luc. 13: 25 a 27).

“Este... é o juízo: Que a Luz veio ao mundo, mas os homens estimaram mais as trevas do que a luz, porque as obras deles eram más. Todo aquele que pratica o mal odeia a luz, para que suas obras não sejam argüidas; mas o que pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.” (João 3:19-21).

“E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição (da vida; porém os que fizeram o mal, para a ressurreição) do juízo.” (João 5:29).

“...Sabemos que Deus não ouve a pecadores; mas, se alguém honra a Deus, e faz a Sua vontade, a esse ouve.” (João 9:31).

“Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes.” (João 13:17).

“Aquele que tem os... preceitos e os pratica, esse é o que Me ama;... e Eu o amarei, e Me manifestarei a ele; e irei para ele, e nele farei morada. Quem não Me ama, não guarda as Minhas palavras.” (João 14:15 a 24).

“Jesus disse: Eu sou a videira... e Meu Pai é o lavrador; todo ramo em Mim que não dá fruto, a tira; porém toda ramo que dá fruto, a limpará, para que dê mais fruto.” (João 15:1,2).

“Nisto é glorificado Meu Pai, que deis muito fruto, e vos torneis Meus discípulos.” (João 15:8).

“Vós sereis Meus amigos se fizerdes o que vos mando. ... Eu vos escolhi... para que deis fruto e o vosso fruto permaneça.” (João 15: 14, 16).

O Senhor disse a João: “Escreve ao anjo da Igreja de Éfeso: Conheço as tuas obras;... tenho contra ti que deixaste a tua primeira caridade; ... faze penitência, e pratica as primeiras obras; senão... retirarei o teu candelabro do seu lugar.” (Apoc. 2: 1, 2, 4, 5).

“Ao anjo da Igreja de Smirna escreve: ... Conheço as tuas obras.” (Apoc. 2:8(,9)).

“Ao anjo da Igreja em Pérgamo escreve: Conheço as tuas obras; faze penitência.” (Apoc. 2:12, 16).

“Ao anjo da Igreja em Tiatira escreve: Conheço as tuas obras; e caridade; ... e as tuas obras, as últimas mais numerosas do que as primeiras.” (Apoc. 2:18, 19).

“Ao anjo da Igreja em Sardes escreve: Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives, mas estás morto;... não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus; faze penitência.” (Apoc. 3:1, 2, 3).

“Ao anjo da Igreja que está em Filadélfia escreve:... Conheço as tuas obras.” (Apoc. 3:7, 8).

“Ao anjo da Igreja de Laodicéia escreve: ... Conheço as tuas obras, faze penitência.” (Apoc. 3:14, 15, 19).

“Ouvi uma voz do céu dizendo: Escreve: bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor! ...Diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos; as suas obras seguem com eles.” (Apoc. 14:13).

“Um livro foi aberto, que é o da vida; e os mortos foram julgados conforme as coisas que estavam escritas no livro, todos segundo as suas obras.” (Apoc. 20:12).

“Eis que presto venho, e a Minha recompensa comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.” (Apoc. 22:12,13).

Semelhantemente, no Antigo Testamento: “Retribui-lhes conforme as obras deles, e conforme os feitos das mãos deles.” (Jer. 25:14).

JEHOVAH, “cujos olhos estão abertos sobre todos os caminhos dos homens, para dar a cada um segundo os seus caminhos, e segundo os frutos de suas obras.” (Jer. 32:19).

“Visitarei segundo os seus caminhos, e as suas obras lhes recompensarei.” (Oséias, 4:9).

“JEHOVAH... conforme os nossos caminhos, conforme as nossas obras nos tratou.” (Zac. 1:6).

Em muitas passagens se prescreve executar os estatutos, os mandamentos e as leis, assim: “Observareis os Meus estatutos e os Meus juízos, os quais, se o homem fizer, por eles viverá.” (Levít. 18:5).

“Observareis todos os Meus estatutos e todos os Meus juízos, para os fazer.” (Levít. 19:37; 20:8; 22:31).

“Bênçãos, se praticarem os preceitos, e maldições, se os não praticarem.” (Levít. 26:4-46).

Foi mandado aos filhos de Israel que fizessem para si uma franja nas bordas dos seus vestidos, para que se recordassem de todos os preceitos de JEHOVAH, para que os praticassem (Núm. 15:38,39).

E em mil outras passagens. Que sejam as obras que fazem o homem da Igreja, e que segundo elas ele é salvo, o Senhor o ensina também nas parábolas, algumas das quais envolvem que aqueles que fazem os bens são aceitos, e que os que fazem os males são rejeitados. Como na parábola dos lavradores da vinha (Mat. 21:33-44); da figueira que não deu fruto (Luc. 13:6-9); dos talentos e das minas com que se devia negociar (Mat. 25:19-31); do samaritano que ligou as chagas do homem ferido pelos ladrões (Luc. 10:30-37); do rico e Lázaro (Luc. 16:19-31); das dez virgens (Mat. 25:1-12).

3. Que todo homem que tem religião saiba e reconheça que aquele que vive bem é salvo, e que aquele que vive mal é condenado, é pela conjunção do céu com o homem, o qual, pela Palavra, conhece que há um Deus, que há um céu e um inferno, e que há uma vida depois da morte; daí vem essa percepção geral. Eis por que, na doutrina da fé atanasiana sobre a Trindade, doutrina universalmente recebida no mundo cristão, esta proposição, que se acha no fim, foi também universalmente reconhecida, a saber: “Jesus Cristo, que sofreu para a nossa salvação, subiu ao céu, e está assentado à direita do Pai onipotente, donde deve vir para julgar os vivos e os mortos; e então, os que fizeram os bens entrarão na vida eterna, e os que fizeram os males, no fogo eterno.”

4. Nas igrejas cristãs há muitos que ensinam, porém, que a fé, só, salva, e não algum bem da vida ou boa obra. Acrescentam também que o mal da vida, ou a má obra não condena os justificados pela fé, só, porque estão em Deus e na graça. Mas é de admirar que, embora ensinem tais coisas, reconheçam, todavia B o que resulta de uma percepção geral vinda do céu, B que são salvos aqueles que vivem bem, e são condenados aqueles que vivem mal. Que, contudo, eles o reconheçam, é evidente pela exortação que é lida nos templos, tanto na Inglaterra como na Alemanha, na Suécia e na Dinamarca, perante o

povo que participa da Santa Ceia. Que nesses reinos estejam aqueles que ensinam a fé só, é notório. A exortação, que é lida na Inglaterra diante do povo que participa do sacramento da Ceia, é esta:

5. "O modo e meios ser recebido como participante merecedor daquela Mesa Santa, é, primeiro, examinar suas vidas e conversações pela regra das ordens de Deus, e em que vos de em todo caso se perceberão para ou ter ofendido por vá, palavra ou ação, lá lamentar seu próprio propensão para o pecado, e se confessar a Deus Todo-poderoso, com propósito cheio de emenda de vida; e se vos perceberão suas ofensas para ser como não só está contra Deus, mas também contra seus vizinhos, então vos se reconciliarão até eles, enquanto estando pronto para fazer restituição e satisfação de acordo com o extremo de seus poderes, para todos os danos e injustiças feitas por você para qualquer outro, e estando igualmente pronto para perdoar outros que o ofenderam, como vos teriam perdão de suas ofensas à mão de Deus, para caso contrário à recepção deles da Sagrada comunhão nada mais mas aumenta sua danação. Então se qualquer de você é um blasfemador de Deus, um estorvador ou caluniador da Palavra dele, um adúltero, ou está em malícia ou inveja, ou em qualquer outro crime doloroso, o se arrependa de seus pecados, ou então não venha àquela Mesa Santa; para que não depois da tomada daquele Sacramento Santo o Diabo entra em você, como ele entrou em Judas, e o enche cheio de todas as iniquidades, e o traz a destruição ambos corpo e alma."

6. Estas palavras, em português, são assim: "Este é o caminho e este é o meio para quem quer participar dignamente da Santa Ceia: Primeiro, que examine as ações e os relacionamentos de sua vida segundo a norma dos preceitos de Deus; e quaisquer que sejam aquelas nas quais descobre que transgrediu por vontade, por palavra ou por ação, deplora sua natureza viciosa, e se confesse diante de Deus onipotente, com o pleno propósito de emendar a vida. E se descobre que suas ofensas são não somente contra Deus, mas também contra o próximo, então, que se reconcilie e esteja pronto a fazer-lhe restituição e dar-lhe satisfação, segundo todas as suas forças, pelas injustiças e males que lhe tiver feito; e que esteja igualmente pronto a perdoar aos outros as suas ofensas, assim como deseja que as próprias ofensas sejam remidas por Deus, de outro modo, o recebimento da Santa Comunhão não fará mais que agravar a condenação. Por consequência, se alguém dentre vós é blasfemador de Deus, maldizente ou escarnecedor de Sua Palavra, ou adúltero, ou estiver em malícia ou malevolência, ou em algum outro crime enorme, que faça penitência dos seus pecados, senão, que não se aproxime da Santa Ceia. De outro modo, depois de tê-la recebido, o diabo entrará em ti como entrou em Judas, e te encherá de toda iniquidade, destruindo-te tanto o corpo como a alma".

7. Foi-me dado interrogar, no mundo espiritual, a alguns presbíteros da Inglaterra que tinham confessado e pregado a fé, só, se, quando liam nos templos essa exortação, na qual a fé não é sequer nomeada, se tinham acreditado que era assim, que, se fizessem más obras e não fizessem penitência delas, o diabo entraria neles como em Judas, e lhes destruiria tanto o corpo como a alma. Disseram que, no estado em que se achavam quando liam essa exortação, sabiam e pensavam somente que essas coisas constituíam a própria religião; porém, que não pensavam da mesma maneira quando preparavam ou poliam os sermões ou pregações; que então pensavam na fé como o único meio de salvação e, no bem da vida, como um acessório moral para o bem público. Mas, todavia, foram convencidos de que também tinham estado nessa percepção geral, que aquele que vive bem é salvo, e aquele que vive mal é condenado, e que tinham essa percepção quando não estavam em seu próprio.

8. Que toda religião pertença à vida, é porque cada um, depois da morte, é a sua vida. Com efeito, a vida fica tal qual tinha sido no mundo e não é mudada. Uma vida má não pode ser convertida em boa, nem uma boa em má, porque são opostas, e a conversão em seu oposto é a extinção. Por conseqüência, como são opostas, a vida no bem é chamada vida e a vida no mal é chamada morte. Daí vem que a religião pertença à vida, e a vida seja fazer o bem. Que o homem, depois da morte, seja tal qual foi sua vida no mundo, vê-se no tratado d'O Céu e o Inferno (ns. 470 a 484).

Cap. II Ninguém pode, por si mesmo, fazer o bem que é realmente o bem

9. Que, até hoje, mal existe alguém que saiba se o bem que faz vem de si mesmo ou de Deus, é porque a Igreja separou a fé da caridade, e o bem pertence à caridade. O homem dá aos pobres, socorre os indigentes, doa aos templos e hospitais, serve à igreja, à pátria e ao seu concidadão; frequenta assiduamente o templo, ouvindo e orando com devoção; lê a Palavra e os livros de piedade, e pensa na salvação, porém não sabe se faz essas coisas por si mesmo ou segundo Deus. Pode fazê-las segundo Deus, e pode fazê-las por si; se as faz segundo Deus, são bens; se as faz por si mesmo não são bens. Além disso, há bens semelhantes que ele faz por si que, na realidade, são males, como são os bens hipócritas, que são enganos e fraudes.

10. Os bens segundo Deus e por si podem ser comparados ao ouro. O ouro, que desde o seu íntimo é ouro, e é chamado ouro acrisolado, é o bom ouro; o ouro ligado à prata é também ouro, mas é bom segundo sua liga; e o ouro ligado ao cobre é menos bom. Porém o ouro feito pela arte e que imita o ouro pela cor, não é bom, porquanto não há nele a substância do ouro. Há

também a douradura, como a prata dourada, o cobre, o ferro, o estanho, o chumbo dourados; depois, a madeira dourada e a pedra dourada, materiais que, superficialmente, podem até parecer ouro, mas, como não são ouro, são estimados ou segundo a arte, ou segundo o preço da coisa dourada, ou segundo o preço do ouro que se pode tirar da douradura. Em bondade, essas coisas diferem do ouro mesmo, como o vestuário difere do homem. Pode-se mesmo cobrir de ouro madeira podre, escórias e até esterco; é esse ouro que pode ser comparado ao bem farisaico.

11. O homem, pela ciência, conhece se o ouro é bom em sua substância, se tem liga, se é falsificado, e se está apenas em douradura: mas, pela ciência, não conhece se o bem que faz é um bem em si; sabe somente isto, que o bem que vem de Deus é bem, e o bem que vem do homem não é bem. Por isso, como é importante para a salvação saber se o bem que se faz vem de Deus ou se não vem de Deus, isto deve revelado. Mas, antes que isto seja revelado, será dito alguma coisa sobre os bens.

12. Há um bem civil, um bem moral e um bem espiritual. O bem civil é aquele que o homem faz pela lei civil; por esse bem e segundo esse bem, o homem é cidadão no mundo natural. O bem moral é aquele que o homem faz pela lei racional; por esse bem e segundo esse bem ele é homem. O bem espiritual é aquele que o homem faz pela lei espiritual; por esse bem e segundo esse bem o homem é cidadão no mundo espiritual. Esses Bens se seguem nesta ordem: o bem espiritual é o supremo, o bem moral é o médio, e o bem civil é o último.

13. O homem que tem o bem espiritual é homem moral e também homem civil; mas o homem que não tem o bem espiritual aparece como se fosse homem moral e civil, contudo não é. Que o homem que tem o bem espiritual seja homem moral e civil, é por que o bem espiritual tem em si a essência do bem, e dele procedem o bem moral e o civil; a essência do bem não pode vir senão d'Aquele que é o Bem mesmo. Aplica o pensamento ao assunto, estende-o e inquire de onde o bem é bem, e verás que é de sua essência, do Bem mesmo, assim, de Deus. Por conseguinte, o bem que não procede de Deus, mas que vem do homem, não é o bem.

14. Pelas coisas que foram ditas na Doutrina sobre a Escritura Santa (ns. 27, 28, 38), pode-se ver que o supremo, o médio e o último fazem um, como o fim, a causa e o efeito; e, como fazem um, o fim mesmo é chamado fim primeiro; a causa, fim médio, e o efeito, fim último. Daí será evidente que no homem que tem o bem espiritual, o moral nele é o espiritual médio, e o civil é o espiritual último. Daí vem, pois, a razão de ser dito que o homem que tem o bem espiritual é homem moral e homem civil, e que o homem que não tem o bem espiritual não é nem homem moral nem civil, mas somente aparece como se o fora; assim aparece a si mesmo e também aos outros.

15. Que o homem que não é espiritual possa, todavia, pensar racionalmente e, daí, falar como o homem espiritual, é porque o entendimento do homem pode ser elevado à luz do céu, que é a verdade, e ver por essa luz; mas a vontade do homem não pode ser da mesma maneira elevada ao calor do céu, que é o amor, e por ele agir. Daí vem que a verdade e o amor não fazem um no homem, a menos que seja espiritual. Daí vem, também, que o homem pode falar; é mesmo o que faz a diferença entre o homem e o animal. Pelo fato de o entendimento poder ser elevado ao céu, quando à vontade ainda não o foi, resulta que o homem pode ser reformado e tornar-se espiritual; porem só é reformado e se torna espiritual quando a vontade é também elevada. Dessa faculdade do entendimento, mais do que da faculdade da vontade, resulta que o homem, qualquer que seja, mesmo o mau, pode, como o homem espiritual, pensar racionalmente e daí falar. Mas se todavia ele não é racional, é porque o entendimento não conduz a vontade, mas à vontade o entendimento. O entendimento somente ensina e mostra o caminho, assim como foi dito na Doutrina sobre a Escritura Santa (n. 115); e enquanto a vontade não está, junto com o entendimento, no céu, o homem não é espiritual, nem por conseguinte racional. Porque, quando está entregue à sua vontade ou ao seu amor, rejeita de seu entendimento as coisas racionais sobre Deus, o céu e sobre a vida eterna, e em seu lugar admite coisas que concordem com o amor de sua vontade, e as chama racionais. Mas essas coisas devem ser vistas nos tratados Sobre a Sabedoria Angélica.

16. Nos capítulos seguintes, aqueles que fazem o bem por si mesmos são chamados homens naturais, porque neles o moral e o civil são naturais quanto à essência; mas aqueles que fazem o bem pelo Senhor serão chamados homens espirituais, porque neles o moral e o civil são espirituais quanto à essência.

17. Que ninguém possa, por si mesmo, fazer algum bem que seja o bem, o Senhor o ensina em João:

“Um homem não pode receber coisa alguma, se lhe não for dada do céu.” (3:27); e no mesmo:

“Quem permanece em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer.” (15:5);

“Quem permanece em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto” quer dizer que todo bem vem do Senhor; o “fruto” é o bem”; “sem Mim nada podeis fazer” quer dizer que ninguém pode fazer o bem por si mesmo. Aqueles que crêem no Senhor e fazem o bem por Ele são chamados “Filhos da luz”, (João, 12:36. Luc. 16:8); “Filhos das núpcias.” (Marcos 2:19); “Filhos da ressurreição.” (Luc. 20:36); “Filhos de Deus.” (Luc. 20:36; João, 1:12); “Nascidos de Deus.” (João 1:13); que verão a Deus (Mateus 5:8); que o Senhor fará morada neles (João 14:23); que eles têm a fé em Deus (Marcos

11:22); que suas obras são feitas em Deus (João 3:21). Estas coisas estão, em suma, nestas palavras:

“A todos quantos O receberam” Jesus “deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no seu Nome, os quais não nasceram dos sangues, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.” (João, 1:12, 13);

“crer no Nome do filho de Deus” é crer na Palavra e viver segundo ela; a “vontade da carne” é o próprio da vontade do homem, que em si é o mal; a “vontade do varão” é o próprio do seu entendimento, que em si é o falso proveniente do mal; os “nascidos desses [da vontade da carne e da vontade do homem]” são aqueles que querem e fazem, pensam e falam, segundo o próprio; os “nascidos de Deus” são aqueles que fazem isso segundo o Senhor. Em suma, o que vem do homem não é o bem, mas o que vem do Senhor é o bem.

Cap. III Quanto mais o homem foge dos males como pecados, mais pratica os bens, não por si, mas pelo Senhor

18. Quem não sabe e não pode saber que os males impedem o Senhor de entrar no homem? Com efeito, o mal é o inferno e o Senhor é o céu, e o inferno e o céu são opostos; assim, quanto mais o homem está em um, tanto menos pode estar no outro, porque um age contra o outro e o destrói.

19. Enquanto o homem está no mundo, está em um meio entre o inferno e o céu; abaixo está o inferno e acima está o céu, e então é mantido na liberdade de se voltar ou para o inferno ou para o céu; se volta para o inferno, desvia-se do céu; mas se volta para o céu, desvia-se do inferno. Ou, o que é a mesma coisa: enquanto o homem está no mundo, está em um meio entre o Senhor e o diabo, e é mantido na liberdade de voltar-se ou para um ou para o outro; se volta para o diabo, desvia-se do Senhor; mas se volta para o Senhor desvia-se do diabo. Ou, o que é ainda a mesma coisa: enquanto o homem está no mundo, está em um meio entre o mal e o bem, e é mantido na liberdade de voltar-se para um ou para outro; se volta para a mal, desvia-se do bem; mas se volta para o bem, desvia-se do mal.

20. Foi dito que o homem é mantido na liberdade de se voltar para um lado ou para outro. Essa liberdade cabe a cada homem, não por si mesmo, mas pelo Senhor; por isso foi dito que é aí mantido. Sobre o equilíbrio entre o céu e o inferno, e que o homem esteja nesse equilíbrio e, por consequência, na liberdade, veja-se a obra O Céu e o Inferno (ns. 589 a 596, e 597 a 603). Que cada homem seja mantido na liberdade e que esta não é retirada de pessoa alguma, ver-se-á em seu lugar.

21. Por aí se vê claramente que, quanto mais o homem foge dos males, mais está com o Senhor e no Senhor; e que, quanto mais está no Senhor, mais pratica os bens, não por si mesmo, mas pelo Senhor. Daí vem esta lei geral: Quanto mais alguém foge dos males, mais pratica os bens.

22. Há, porém, dois requisitos: um, que o homem deve fugir dos males porque são pecados, isto é, porque são infernais e diabólicos, assim contra o Senhor e contra as leis Divinas; o outro, que o homem deve fugir dos males porque são pecados como por si mesmo, mas que saiba e creia que é pelo Senhor. Mas, sobre esses dois requisitos, falar-se-á nos artigos seguintes.

23. Daí resultam estas três conseqüências: (i.) Se o homem quer e pratica os bens antes de fugir dos males como pecados, os bens não são bens. (ii.) Se o homem pensa e fala com piedade, e não foge dos males como pecados, a piedade não é piedade.” (iii.) Se o homem tem muito conhecimento e sabe muitas coisas, e não foge dos males como pecados, não é realmente sábio.

24. (i.) Se o homem quer e pratica os bens antes de fugir dos males como pecados, os bens não são bens. É porque, antes disso, ele não está no Senhor, como foi dito acima. Por exemplo, se dá aos pobres, se presta socorro aos indigentes, se doa aos templos e hospitais, se beneficia a igreja, a pátria e os concidadãos, se ensina o evangelho e converte, se pratica a justiça nos julgamentos, a sinceridade nos negócios e a retidão nas suas obras, e, todavia, não considera os males como sendo pecados, tais como as fraudes, os adultérios, os ódios, as blasfêmias e outras coisas semelhantes, então só pode fazer bens que interiormente são males. Com efeito, ele os faz por si mesmo, e não segundo o Senhor; assim, é ele mesmo que está nesses bens e não o Senhor. E os bens nos quais está o homem mesmo são todos manchados por seus males e se referem a ele mesmo e ao mundo. Mas esses mesmos feitos que foram enumerados acima são interiormente bens se o homem foge dos males como pecados, tais como as fraudes, os adultérios, os ódios, as blasfêmias, e outras coisas semelhantes, porque as faz segundo o Senhor, e são chamadas “feitas em Deus.” (João 3:19- 21).

25. (ii.) Se o homem pensa e fala com piedade, e não foge dos males como pecados, sua piedade não é piedade porque não está no Senhor. Por exemplo, se frequenta os templos, se escuta devotamente as pregações, se lê a Palavra e os livros de piedade, se participa do sacramento da Ceia, se cada dia faz orações, se mesmo pensa muito em Deus e na salvação, e, todavia, não considera absolutamente os males como pecados (como as fraudes, os adultérios, os ódios, as blasfêmias e outros males semelhantes), então só pode pensar e pronunciar coisas piedosas que interiormente não são piedosas, porque o homem mesmo, com seus males, está nelas. Ele então o ignora, é verdade, todavia os seus males aí estão e aí ficam ocultos à sua vista; é como uma fonte cuja água é impura por sua origem. Os exercícios da sua piedade

são, ou somente práticas de hábito, ou meritórios, ou hipócritas. Na verdade, sobem para o céu, mas se desviam a caminho e caem, como fumaça no ar.

26. Foi-me dado ver e ouvir muitos que, depois da morte, enumeravam suas boas obras e os exercícios de piedade, tais como os que acabam de ser referidos (ns. 24, 25), e ainda de muitos outros. Vi mesmo entre eles alguns que tinham lâmpadas, mas não óleo. Indagou se se tinham fugido dos males como pecados, e descobriu-se que não; por isso lhes foi dito que eram maus. Mais tarde, também foram vistos a entrarem em cavernas, onde estavam maus que lhes eram semelhantes.

27. (iii.) Se o homem tem muito conhecimento e sabe muitas coisas, e não foge dos males como pecados, não é realmente sábio. Isto vem da mesma razão acima dada, a saber: que ele é sábio por si mesmo e não pelo Senhor. Ainda que conheça à risca a doutrina de sua igreja e todas as coisas que a ela se referem; que saiba confirmá-las pela Palavra e pelos raciocínios; que conheça as doutrinas de todas as igrejas desde séculos e, ao mesmo tempo, os editos de todos os concílios; ainda mesmo que saiba as verdades, e mesmo as veja e as compreenda; que saiba, por exemplo, o que é a fé, o que é a caridade, o que é a piedade, o que é a penitência e a remissão dos pecados, o que é a regeneração, o que é o batismo e a santa Ceia, o que é o Senhor, e o que é a redenção e a salvação; se, todavia, não foge dos males como pecados, não sabe realmente tais coisas, porque são conhecimentos sem vida, uma vez que pertencem somente a seu entendimento e não ao mesmo tempo à sua vontade. Tais conhecimentos perecem com o tempo, pela razão de que se falou acima (n. 15). Também, depois da morte, o homem mesmo os rejeita, porque não concordam com o amor da sua vontade. Todavia esses conhecimentos são extremamente necessários, porque ensinam como o homem deve agir; e, se ele os põe em prática, então os conhecimentos vivem com ele, porém não antes.

28. Todas essas coisas que até aqui foram ditas, a Palavra ensina em muitas passagens, entre as quais serão referidas somente as que se seguem. A Palavra ensina que ninguém pode estar no bem e ao mesmo tempo no mal, ou, o que é a mesma coisa, que ninguém pode estar, quanto à alma, no céu e ao mesmo tempo no inferno; ensina-o nestas passagens:

“Ninguém pode servir a dois senhores; pois, ou terá ódio a um e amará o outro, ou se ligará a um e desprezará o outro; não podeis servir a Deus e a mamom.” (Mateus 6:24).

“Como podeis dizer boas coisas, quando sois maus? (...) a boca fala da abundância do coração; o homem bom, do bom tesouro do seu coração tira boas coisas; e o homem mau do mau tesouro tira coisas más.” (Mateus 12:34, 35).

“A árvore ... boa não dá fruto mau, nem a árvore má dá fruto bom; toda ... árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindima da sarça a uva.” (Lucas 6:43, 44).

29. A Palavra ensina que ninguém pode fazer o bem por si mesmo, mas pelo Senhor: “Eu sou a Videira..., e meu Pai é o Vinhateiro; todo ramo que em Mim não dá fruto, a tira; mas a todo o que dá fruto, limpa, para que dê mais fruto. Permaneci em Mim, também Eu em vós; como o ramo de si mesmo não pode dar fruto, se não permanecer na videira, assim nem vós, se não permanecerdes em Mim. Eu sou a Videira, vós os ramos; quem permanece em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em Mim, será lançado fora, como o ramo, e se seca; e o colhem, e o lançam no fogo, e será queimado.” (João 15: 1 a 6).

30. A Palavra, nas passagens seguintes, ensina que, enquanto o homem não tiver sido purificado dos males, seus bens não são bens, sua piedade não é piedade, e ele não tem sabedoria; e vice-versa.

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque vos fazeis semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora, realmente, parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundícia. Assim, também vós exteriormente pareceis justos..., mas por dentro estais cheios de hipocrisia e iniquidade. Ai de vós... porque limpais o exterior do copo e do prato, mas os interiores estão cheios de rapina e intemperança. Fariseu cego! limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo.” (Mat. 23:25-28).

Também por esta passagem, em Isaías:

“Ouvi a palavra de JEHOVAH, príncipes de Sodoma; ouvi a lei do nosso Deus, povo de Gomorra. Que é para Mim a multidão dos vossos sacrifícios? ... Não continueis mais a trazer minchah de vaidade; o incenso é para Mim abominação, a lua nova e o sabbath, ... não posso suportar a iniquidade;... vossas luas novas e vossas festas solenes Minha alma odeia... Pelo que, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os Meus olhos; ainda que multipliqueis a oração, Eu não ouço; as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, removei malícia de vossas obras de diante dos Meus olhos, cessai de fazer o mal. ... Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos, se tornarão como a lã.” (1:10-18).

Em suma, resulta dessas passagens que, se o homem não foge dos males, todas as coisas do seu culto não são boas; o mesmo sucede com todas as suas obras, porque foi dito:

“Não posso suportar a iniquidade; purificai-vos, removei a malícia de vossas obras, cessai de fazer o mal.”

Em Jeremias:

“Convertei-vos cada um do seu mau caminho, e fazei boas as vossas ações.” (35:15). Que eles não tenham sabedoria, vê-se em Isaías: “Ai dos que são sábios a seus próprios olhos, e, diante de suas próprias faces, inteligentes!” (5:21).

No mesmo:

“Perecerá a sabedoria dos sábios ... e a inteligência dos inteligentes; ai daqueles que sabem profundamente... e fazem nas trevas as suas obras.” (29:14,15).

E, em outra passagem, no mesmo:

“Ai dos que descem ao Egito por auxílio, e se estribam em cavalos, e confiam em carros, porque são muitos, e nos cavaleiros, porque são fortes; ... mas não atentam para o Santo de Israel, e a JEHOVAH não buscam. ... Mas [Ele] Se levantará contra a casa dos malignos, e contra o auxílio dos que obram iniquidade; pois o Egito não é Deus, e o seu cavalo é carne e não espírito.” (31:1-3).

Assim é descrita a própria inteligência: o “Egito” é a ciência, o “cavalo” é o entendimento que dela provém; o “carro” é a doutrina que daí procede; o “cavaleiro” é a inteligência que procede daí; sobre essas coisas se diz:

“Ai daqueles que não atentam para o Santo de Israel, e a JEHOVAH não buscam!” Sua destruição pelos males é entendida por “[Ele] Se levantará contra a casa dos malignos, e contra o auxílio daqueles que obram iniquidade”;

por “o Egito é homem e não Deus, e os seus cavalos carne e não espírito”, é entendido que estas coisas vêm do próprio do homem, e portanto não têm vida alguma. “Homem” e “carne” são o próprio do homem, “Deus” e “espírito” são a vida proveniente do Senhor; os “cavalos do Egito” são a própria inteligência. Há, na Palavra, sobre a inteligência que vem de si e sobre a inteligência que vem do Senhor, muitas outras passagens assim, que são desvendadas somente pelo sentido espiritual. Que ninguém seja salvo pelos bens vindos de si, porque não são bens, isso é evidente por estas passagens:

“Nem todo o que Me diz: Senhor! Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai... Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos pelo Teu nome? e pelo Teu nome não expulsamos demônios? e em Teu nome não fizemos muitas virtudes? Mas então lhes confessarei: Nunca vos conheci, apartai-vos de Mim, vós que obrais iniquidade”. (Mat. 7:21-23).

E em outro lugar:

“Então começareis a estar de fora, e a bater à porta, dizendo: Senhor..., abre-nos: ... e começareis a dizer: Comemos diante de Ti, e bebemos, e nas nossas praças ensinaste; mas dirá: Digo vos, não sei donde vós sois; apartai-vos de Mim, vós todos, obreiros de iniquidade.” (Luc. 13:25-27).

Com efeito, são semelhantes ao fariseu que, no templo, estando em pé, orava dizendo que não era, como o restante dos homens, roubador, injusto e devasso; que jejuava duas vezes na semana, e dava dízimos de tudo que possuía (Luc. 18:11-14). São também os que são chamados “servos inúteis.” (Luc. 17:10).

31. A verdade é que nenhum homem pode, por si mesmo, fazer o bem que é realmente o bem. Mas, por causa disso, aviltar todo bem da caridade que faz o homem que foge dos males como pecados, é uma enormidade, pois que é diametralmente contra a Palavra, que manda que o homem faça. É contra os preceitos do amor a Deus e do amor ao próximo, mandamentos dos quais dependem a lei e os profetas, e é ultrajar e suprimir toda a religião. Com efeito, qualquer um sabe que a religião consiste em fazer o bem, e que cada um é julgado segundo seus feitos. Todo o homem é tal que pode fugir dos males como por si mesmo pelo poder do Senhor, se o implora; e o que ele depois faz é o bem pelo Senhor.

Cap. IV Quanto mais alguém foge dos males como pecados, mais ama os veros.

32. Há dois universais que procedem do Senhor: o Divino bem e o Divino Vero; o Divino bem pertence ao Seu Divino Amor, e o Divino Vero pertence à Sua Divina Sabedoria; esses dois são um no Senhor, e por consequência procedem d’Ele como um; mas não são recebidos como um pelos anjos nos céus, nem pelos homens nas terras; há anjos e homens que recebem mais do Divino vero que do Divino bem, e há os que recebem mais do Divino bem que do Divino vero. Daí vem que os céus são distinguidos em dois reinos, dos quais um é chamado reino celeste e o outro reino espiritual. Os céus que recebem mais do Divino bem constituem o reino celeste, mas os que recebem mais do Divino vero, constituem o reino espiritual. Sobre esses dois reinos nos quais os céus foram distinguidos, veja-se o tratado d’O Céu e o Inferno (ns. 20- 28). Mas os anjos de todos os céus estão na sabedoria e na inteligência, tanto quanto o bem neles faz um com o vero. O bem que não faz um com o vero não é para eles o bem, e, reciprocamente, o vero que não faz um com o bem não é para eles o vero. Daí se torna evidente que o bem conjunto ao vero faz o amor e a sabedoria no anjo e no homem; e, como o anjo é anjo segundo o amor e a sabedoria nele, e o mesmo sucede com o homem, é evidente que o bem conjunto ao vero faz que o anjo seja anjo do céu, e que o homem seja homem da Igreja.

33. Visto que o bem e o vero são um no Senhor, e d’Ele procedem como um, segue-se que o bem ama o vero, o vero ama o bem e querem ser um. É

semelhante com seus opostos, porque o mal ama o falso, o falso o mal e querem ser um. Na seqüência, a conjunção do bem e do vero será chamada casamento celeste, e a conjunção do mal e do falso, casamento infernal.

34. A conseqüência do que precede é que, quanto mais se foge dos males como pecados, mais se ama os veros, porque mais se está nos bens, como foi mostrado no artigo que há pouco precedeu. E, vice-versa, quanto mais não se foge dos males como pecados, mais se deixa de amar os veros, porque menos se está no bem.

35. O homem que não foge dos males como pecados pode até amar os veros, mas ama-os não porque são veros, mas porque servem à sua reputação, da qual tira honra ou proveito; por isso, se para isso não servem, ele não os ama.

36. O bem pertence á vontade, o vero pertence ao entendimento. Do amor do bem na vontade procede o amor do vero no entendimento; do amor do vero procede à percepção do vero; da percepção do vero, o pensamento do vero; e de tudo isso resulta o reconhecimento do vero, que é a fé em seu sentido genuíno. Que haja essa progressão do amor do bem para a fé, será demonstrado no tratado Do Divino Amor e da Divina Sabedoria [Sabedoria Angélica].

37. Pois que o bem não é realmente o bem, a menos que seja conjunto ao vero, como foi dito, conseqüentemente o bem não existe antes, e todavia quer continuamente existir; por isso, a fim de existir, deseja os veros, adquire-os e deles tira sua nutrição e sua formação. É por essa razão que, quanto mais alguém está no bem, mais ama os veros; por conseqüência, quanto mais alguém foge dos males como pecados, mais ama os veros, porque mais está no bem.

38. Quanto mais alguém está no bens, e pelo bem ama os veros, mais ama o Senhor, pois que o Senhor é o Bem mesmo e o Vero mesmo. O Senhor está, pois, no bem e no vero no homem. Se o vero é amado segundo o bem, então o Senhor é amado, e não de outra maneira. É o que o Senhor ensina em João:

“Quem tem os Meus preceitos e os cumpre, esse é o que Me ama; ... mas aquele que não Me ama não guarda as Minhas palavras.” (14:21, 24).

E em outra passagem:

“Se guardardes os Meus mandamentos, permanecereis no Meu amor.” (João, 15:10). Os “preceitos”, as “palavras” e os “mandamentos” do Senhor são os veros.

39. Que o bem ame o vero, pode ser ilustrado por comparações com o sacerdote, o militar, o negociante e o artífice. Com o sacerdote: se ele está no bem do sacerdócio, que consiste em prover à salvação das almas, em ensinar o caminho do céu e em dirigir aqueles que instrui, na medida que está nesse bem, assim, pelo amor e o desejo deste amor, adquire os veros que ensina e

pelos quais dirige. Se, porém, um sacerdote não está no bem do sacerdócio, mas no prazer de sua função pelo amor de si e do mundo, prazer que para ele é o único bem, ele também, segundo o amor e o desejo deste amor, adquire para si veros em abundância, segundo a inspiração do seu prazer, que é seu bem. Com o militar: se está no amor da milícia, e sente o bem na ação de proteger, ou na fama, então por esse bem e segundo esse bem adquire a ciência da sua posição e, se é chefe, da inteligência daí; essas coisas são como veros de que se nutre e se forma o prazer do seu amor, que é seu bem. Com o negociante: se aplica aos negócios pelo amor dos negócios, absorve com satisfação todas as coisas que, como meios, entram nesse amor e o compõem; essas coisas também são como veros, pois negociar é seu bem. Com o artífice: se aplica com zelo à sua obra, e a ama como o bem de sua vida, compra instrumentos, e por meio de coisas que pertencem à sua ciência se aperfeiçoa; por essas coisas faz sua obra, pois que é o seu bem. Por estas comparações é evidente que os veros são meios pelos quais o bem do amor existe e se torna alguma coisa; por conseqüência, o bem ama os veros a fim de existir. Daí, na Palavra, por “praticar a verdade” entende-se fazer com que o bem exista. É o que se entende por “praticar a verdade.” (João 3:21); “fazer o que diz o Senhor.” (Luc. 6:47); “cumprir os Seus preceitos.” (João 14:24); “praticar as Suas palavras.” (Mateus 7:24); “ouvir a palavra de Deus.” (Luc. 8:21); e “cumprir os estatutos e juízos.” (Levít. 18:5). Isso também é “fazer o bem” e “dar fruto”, porque o bem e o fruto é o que existe.

40. Que o bem ame o vero, e queira com ele ser conjungido, também pode ser ilustrado por uma comparação com a comida e a água, ou com o pão e o vinho. É preciso que haja um e outro; a comida ou o pão, só, nada faz no corpo para a nutrição, mas, sim, com a água ou o vinho, porque um apetece e deseja o outro. Pela “comida” e pelo “pão”, na Palavra, entende-se também, em seu sentido espiritual, o bem, e pela “água” e o “vinho” entende-se o vero.

41. Pelo que foi dito, pode-se agora ver que aquele que foge dos males como pecados ama os veros e os deseja. E quanto mais foge dos males, mais ama e deseja os veros, porque mais está no bem. Daí vem ao casamento celeste, que é o casamento do bem e do vero, no qual está o céu e estará a igreja.

Cap. V Quanto mais alguém foge dos males como pecados, mais tem a fé e é espiritual

42. A fé e a vida são distintas entre si da mesma maneira que pensar e fazer; e como pensar pertence ao entendimento e fazer pertence à vontade, resulta que a fé e a vida são distintas entre si como o entendimento e a

vontade. Quem sabe fazer a distinção destas, sabe também fazer a distinção daqueles; e quem conhece a conjunção de umas, conhece também a conjunção dos outros. Por isso vai-se antecipar alguma coisa sobre o entendimento e a vontade.

43. Há no homem duas faculdades, das quais uma se chama vontade e a outro entendimento. São distintas entre si, mas criadas de maneira que sejam uma; e quando são uma, são chamadas mente; estas faculdades são, pois, a mente humana, e toda a vida do homem aí está. Da mesma maneira que no universo todas as coisas que são conformes à Ordem Divina se referem ao bem e ao vero, assim também no homem todas as coisas se referem à vontade e ao entendimento, pois o bem no homem pertence à sua vontade e o vero pertence ao seu entendimento. Com efeito, essas duas faculdades são os seus receptáculos e sujeitos; a vontade é o receptáculo e o sujeito de todas as coisas do bem, e o entendimento é o receptáculo e o sujeito de todas as coisas do vero. Os bens e os veros, no homem, não se acham em outra parte; assim, o amor e a fé não se acham em outra parte, pois que o amor pertence ao bem e o bem ao amor, assim como a fé pertence ao vero e o vero à fé. Nada interessa mais do que saber como a vontade e o entendimento fazem uma só mente: fazem uma só mente da mesma maneira que o bem e o vero fazem um, porque entre a vontade e o entendimento há um casamento semelhante ao casamento entre o bem e o vero. No artigo precedente se disse alguma coisa sobre a qualidade desse casamento; será acrescentado isto, que, do mesmo modo que o bem é o ser mesmo da coisa e o vero é o seu existir, assim também a vontade no homem é o ser mesmo de sua vida e o entendimento é o seu existir, pois que o bem, que pertence à vontade, forma-se no entendimento e se faz ver de determinada maneira.

44. Que o homem possa saber, pensar e compreender muitas coisas e, todavia, não ser sábio, mostrou-se acima, ns. 27 e 28. E como pertence à fé saber e pensar, e ainda mais compreender que uma coisa é de tal ou tal modo, o homem pode assim crer que tem a fé, e todavia não a ter. O que faz que não a tenha é que ele está no mal da vida, e o mal da vida e o vero da fé nunca podem agir juntamente. O mal da vida destrói o vero da fé, porque o mal da vida pertence à vontade e o vero da fé ao entendimento, e a vontade conduz o entendimento e faz que aja juntamente consigo; por isso, se no entendimento há alguma coisa que não concorde com a vontade, quando o homem está entregue a si mesmo e pensa segundo o seu mal e segundo o amor desse mal, ou ele repele o vero que está no entendimento, ou o força a ser um por falsificação. Sucede de outro modo naqueles que estão no bem da vida; estes, entregues a si mesmos, pensam pelo bem e amam o vero que está no entendimento, porque está em concordância. Assim, a conjunção da fé e da

vida se faz como a conjunção do vero e do bem, sendo que essas duas conjunções são como a conjunção do entendimento e da vontade.

45. Daí agora se segue que, da mesma maneira que o homem foge dos males como pecados, na mesma proporção tem fé, porque assim está no bem, como foi mostrado acima. Isso também é confirmado por seu contrário: aquele que não foge dos males como pecados não tem fé, porque está no mal e o mal interiormente odeia o vero; exteriormente pode mesmo agir como amigo, tolerá-lo, até mesmo estimar que esteja no entendimento; quando porém o exterior é retirado B o que acontece depois da morte B então ele primeiro rejeita o vero como seu amigo no mundo, depois nega que seja vero e enfim o tem em aversão.

46. A fé do homem mau é uma fé intelectual, que nada tem do bem procedente da vontade; assim, é uma fé morta que é como a respiração pulmonar sem sua alma procedente do coração. O entendimento também corresponde ao pulmão, e a vontade ao coração. É também como uma meretriz bela, até adornada de púrpura e ouro, que interiormente está corrompida de doenças malignas; a meretriz também corresponde à falsificação do vero e, por consequência, na Palavra, tem tal significação. É ainda como uma árvore luxuriante de folhas e que não dá frutos, que o jardineiro arranca; a árvore também significa o homem, as “folhas” e “flores”, seus veros da fé, e o “fruto” o bem do amor. Mas diferente é a fé num entendimento onde está o bem procedente da vontade: essa fé é viva; e é como a respiração pulmonar cuja alma provém do coração; e é como uma bela esposa, que a castidade torna amável para o marido, e como uma árvore frutífera.

47. Há várias coisas que parecem pertencer somente à fé, por exemplo, que há um Deus; que o Senhor, que é esse Deus, é o Redentor e o Salvador; que há um céu e um inferno; que há uma vida depois da morte, e várias outras coisas, das quais não se diz que devem ser feitas, mas que se deve crer nelas. Essas coisas da fé são mortas também no homem que está no mal, porém vivas no homem que está no bem. A razão é que o homem que está no bem não só faz o bem pela vontade, mas também pensa bem pelo entendimento, não só perante o mundo, mas também perante si mesmo, quando está só. Ocorre diferentemente com quem está no mal.

48. Foi dito que essas coisas parecem pertencer somente à fé, mas o pensamento do entendimento tira seu existir do amor da vontade, que é o ser do pensamento no entendimento, como foi dito acima, n. 43. Com efeito, o que alguém quer pelo amor, quer fazê-lo, quer pensar nisso, quer compreendê-lo e quer falar nisso; ou, o que é a mesma coisa, o que alguém ama pela vontade, ama fazê-lo, ama pensar nisso, ama compreendê-lo e ama falar nisso. Acrescente-se a isso que, quando o homem foge do mal como pecado, então

está no Senhor, como foi mostrado acima, e o Senhor opera todas as coisas. Por isso o Senhor disse àqueles que Lhe perguntavam o que deviam fazer para praticar as obras de Deus:

“A obra de Deus é esta, que creiais n’Aquele que Ele enviou.” (João 6:28).

“Crer no Senhor” não é somente pensar que Ele é o Senhor, mas também praticar Suas palavras, conforme Ele o ensina.

49. Que aqueles que estão nos males não tenham a fé, ainda que pensem tê-la, é o que foi mostrado a tais indivíduos no mundo espiritual: eles foram conduzidos a uma sociedade celeste, donde o espiritual da fé dos anjos entrou nos interiores da fé daqueles que para ali foram conduzidos, pelo que eles perceberam que tinham somente o natural ou o externo da fé e não seu espiritual ou interno. Por isso eles mesmos confessaram que nada tinham, absolutamente, da fé, e se haviam persuadido, no mundo, que pensar que uma coisa é de tal maneira por uma causa qualquer, é crer ou ter fé. Mas a fé daqueles que não tinham estado no mal foi percebida diferentemente.

50. Por essas razões, pode-se ver o que é a fé espiritual e o que é a fé não espiritual; que a fé espiritual esteja naqueles que não cometem pecados, pois os que não cometem pecados fazem o bem, não por si mesmos, mas pelo Senhor (vide acima, ns. 18 a 21); e pela fé eles se tornam espirituais. A fé neles é a verdade. Isto o Senhor ensina em João:

“Este... é o juízo: Que a Luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Todo aquele que pratica o mal odeia a luz, para que suas obras não venham para a luz e não sejam argüidas; mas o que pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.” (João 3:19-21).

51. As coisas que até aqui têm sido ditas são confirmadas por estas passagens na Palavra:

“O homem bom do bom tesouro do seu coração tira o bem, mas o homem mau do mau tesouro do seu coração tira o mal, porque da abundância do coração fala a boca.” (Lucas 6:46; Mateus 12:35);

pelo “coração”, na Palavra, entende-se à vontade do homem; e como pela vontade o homem pensa e fala, diz-se que “pela abundância do coração fala a boca”.

“Não é o que entra na boca o que torna o homem impuro, mas o que sai do coração, isso é o que torna o homem impuro.” (Mat. 15:11);

aqui também, pelo “coração” entende-se à vontade. Jesus disse sobre a mulher que Lhe lavou os pés com unguento

“Os pecados lhe são remidos, porque muito amou”.

E, depois, disse-lhe:

“A tua fé te fez salva.” (Luc. 7:46 a 50).

Por aí é evidente que a fé salva quando os pecados são remidos, isto é, quando não existem mais. Aqueles que não estão no próprio da sua vontade, nem por consequência no próprio do seu entendimento, isto é, que não estão no mal e por consequência no falso, são chamados “filhos de Deus” e “nascidos de Deus.” E esses são aqueles que crêem no Senhor, como Ele mesmo ensina em João 1:12, 13, passagem que se vê explicada acima (vide n. 17, no fim).

52. Daí se segue esta conclusão: que no homem não há um grão de verdade a mais do que há de bem, assim como nenhum grão de fé a mais do que há de vida. Há no entendimento o pensamento de que uma coisa é assim, mas não o reconhecimento que é a fé, a não ser que haja consentimento na vontade. Assim, a fé e a vida andam num passo igual. Agora, segundo isso, é claro que quanto mais alguém foge dos males como pecados, mais tem fé e é espiritual.

Cap. VI O Decálogo ensina quais são os males que são pecados

53. Qual é o povo, em todo este globo terrestre, que não sabe que é um mal roubar, cometer adultério, matar e dar falso testemunho? Se os povos o ignorassem e não procurassem por leis prevenir tais ações, seria o fim para eles, porque sem essas leis as sociedades, as repúblicas e os reinos pereceriam. Quem, pois, pode presumir que o povo israelita tenha sido mais estúpido que todos os outros, a ponto de ignorar que essas ações fossem males? Pode-se, pois, ficar admirado que tais leis, universalmente conhecidas em toda a terra, hajam sido promulgadas da montanha do Sinai com tantos milagres, por JEHOVAH Mesmo. Mas escuta: Essas leis foram promulgadas no meio de tantos milagres, a fim de que se soubesse que eram leis não somente civis e morais, mas também espirituais, e que transgredi-las era não só fazer mal ao concidadão e à sociedade, mas também pecar contra Deus. Eis porque tais leis, pela promulgação que delas fez JEHOVAH da montanha do Sinai, tornaram-se leis de religião; porque é evidente que tudo o que JEHOVAH Deus ordena, Ele o ordena para que seja coisa de religião, para que seja feita em vista d'Ele Mesmo e por causa da salvação do homem.

54. Como essas leis foram às primícias da Palavra e, por consequência, as primícias da Igreja que ia ser instaurada pelo Senhor na nação israelita, e, como eram, em um curto sumario, o complexo de todas as coisas da religião, pelas quais há conjunção do Senhor com o homem e do homem com o Senhor, por isso é que elas foram tão santas que nada houve mais santo.

55. Que elas tenham sido santíssimas, pode-se ver por isto: que JEHOVAH mesmo, isto é, o Senhor, desceu sobre o Monte Sinai, no fogo e

com os anjos, e daí as promulgou de viva voz; que o povo se preparou durante três dias para ver e ouvir; que o monte foi cercado para que ninguém se aproximasse e morresse; que nem os sacerdotes, nem os anciãos se aproximaram, mas só Moisés; que essas Leis foram gravadas pelo dedo de Deus sobre duas tábuas de pedra; que a face de Moisés irradiava, quando pela segunda vez desceu com essas tábuas; que, mais tarde, as tábuas foram colocadas na arca, a arca depositada no íntimo do tabernáculo; e sobre ela havia o propiciatório, e sobre este os querubins de ouro; que isso era o que havia de mais santo na igreja deles, e foi chamado o “santo dos santos”; que fora do véu, que o envolvia, tinham sido postos objetos que representavam as coisas santas do céu e da igreja, a saber, o candelabro de ouro com sete lâmpadas; o altar de ouro, dos perfumes; a mesa coberta de ouro, sobre a qual ficavam os pães das faces, com as cortinas de fino linho, púrpura e escarlata, que estavam ao redor. A santidade de todo este tabernáculo vinha unicamente da Lei, que estava na arca. Por causa da santidade do tabernáculo, proveniente da Lei na arca, todo o povo Israelita recebeu o mandamento de se acampar em ordem, em torno dele, conforme as tribos, e de caminhar em ordem atrás dele; e também, uma nuvem pousava durante o dia sobre o tabernáculo e uma coluna de fogo durante a noite. Por causa da santidade dessa Lei, e da presença do Senhor nela, o Senhor falava com Moisés acima do propiciatório, entre os querubins, e a arca era chamada “JEHOVAH-ali”. Ademais, não era permitido a Aarão passar além do véu senão com sacrifícios e perfumes. É porque essa Lei era a Santidade mesma da Igreja, que a arca foi introduzida por David em Sião; por isso também foi colocada depois no meio do templo de Jerusalém e formou o seu santuário. Por causa da presença do Senhor nessa Lei e em tudo ao redor, milagres foram operados pela arca, na qual estava a Lei; que as águas do Jordão foram separadas e, enquanto a arca ficou no meio do rio, o povo o passou a pé seco; que os muros de Jericó caíram quando a arca os rodeou; que Dagon, o deus dos filisteus, caiu diante dela e, mais tarde, foi achado estendido na porta do templo, a cabeça separada do corpo; por causa da arca alguns milhares de bethsemitas foram feridos; além de muitos outros milagres. Todas essas coisas provinham, somente, da presença do Senhor em Suas Dez Palavras, que são os preceitos do Decálogo.

56. Se havia tanto poder e tanta santidade nessa Lei, é também porque ela era o conjunto de todas as coisas de religião; pois que consistia em duas tábuas, uma das quais contém todas as coisas que se referem a Deus e a outra, no conjunto, todas as coisas que se referem ao homem. É por esta razão que os preceitos dessa Lei são chamados as “dez palavras”; são chamados assim porque “dez” significa todas as coisas. Mas como essa Lei é o conjunto de todas as coisas da religião, ver-se-á no artigo seguinte.

57. Como, por essa lei, há conjunção do Senhor com o homem e do homem com o Senhor, ela é chamada Aliança e Testemunho; Aliança, porque conjuga, e Testemunho porque atesta, porquanto “aliança” significa a conjunção e “testemunho” significa o atestado. É por isso que havia duas tábuas, uma para o Senhor e a outra para o homem. A conjunção é feita pelo Senhor, mas somente quando o homem cumpre o que foi escrito em sua tábua; porque continuamente o Senhor está presente, opera e quer entrar, mas o homem, segundo seu livre que lhe vem do Senhor, deve abrir. Com efeito, o Senhor diz:

“Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele, e ele comigo.” (Apoc. 3:20).

58. Na outra tábua, que é para o homem, não foi dito que o homem fará tal ou tal bem, mas foi dito que ele não fará tal ou tal mal, como: “Não matarás”, “não adulterarás”, “não roubarás”, “não dirás falso testemunho”, “não cobiçarás.” A razão disso é que o homem não pode por si mesmo fazer bem algum, mas quando não faz os males, então faz o bem, não por si mesmo, mas pelo Senhor. Que o homem, segundo o poder do Senhor, se o implora, possa fugir dos males como por si mesmo, ver-se-á na seqüência.

59. Os fatos acima referidos (n.1 55), sobre a promulgação, a santidade e o poder dessa Lei, acham-se na Palavra nas seguintes passagens:

Que JEHOVAH desceu sobre o Monte Sinai no fogo e que então o monte foi coberto de fumaça e tremeu; e que houve trovões, relâmpagos, uma nuvem espessa e um som de trombeta (Êxodo 19:16, 18; Deut. 4:11, 5:19 a 23).

Que o povo, antes da descida de JEHOVAH, tinha-se preparado e santificado durante três dias (Êxodo 19:10, 11, 15).

Que o monte foi cercado, para que ninguém, a não ser Moisés, somente, se aproximasse e o tocasse, e morresse, até mesmo os sacerdotes (Êxodo 19:12, 13, 20- 23; 24:1, 2).

Que a Lei foi promulgada do alto do Monte Sinai (Êxodo 20:2-14; Deut. 5:6-18).

Que essa Lei foi gravada pelo dedo de Deus sobre duas tábuas de pedra (Êxodo 31:18, 32:15, 16; Deut. 9:10).

Que a face de Moisés resplandecia, quando trouxe do monte essas tábuas pela segunda vez (Êxodo 34:29 a 35).

Que as tábuas foram depositadas na arca (Êxodo 25:16; 40:20; Deut. 10:5; I Reis, 8:9).

Que se colocou o propiciatório sobre a arca e querubins de ouro sobre o propiciatório (Êxodo 15:17 a 21).

Que a arca, com o propiciatório e os querubins, fazia o íntimo do tabernáculo; e que o candelabro de ouro, o altar de ouro do perfume e a mesa coberta de ouro, sobre a qual ficavam os pães das faces, faziam o exterior do

tabernáculo; e que as dez cortinas de fino linho, de púrpura e de escarlate constituíam o seu êxtimo (Êxodo 25:1 até o fim; 26:1 até o fim; 40:17 a 28).

Que o lugar onde estava a arca foi chamado o “santo dos santos.” (Êxodo 26:33).

Que todo o povo de Israel se acampava em ordem, conforme as tribos, em redor do habitáculo e partia em ordem, atrás dele (Núm. 2:1 até o fim).

Que, então, sobre o tabernáculo, havia uma nuvem durante o dia e uma coluna de fogo à noite (Êxodo 40:38; Núm. 9:15, 16 até o fim; 14:14; Deut. 1:33).

Que o Senhor falava com Moisés acima da arca, entre os querubins (Êxodo 25:22; Núm. 6:89).

Que a arca, por causa da Lei nela, era chamada “JEHOVAH-ali”; porque Moisés dizia, quando a Arca partia: “Levanta-Te, JEHOVAH!” e quando parava: “Torna-Te, JEHOVAH!” (Núm. 10:35, 36 e outras passagens; II Samuel 6:2; Salmo 132:7,8).

Que não era permitido a Aarão, por causa da santidade dessa Lei, penetrar além do véu senão com sacrifícios e perfume (Levít. 16:2 a 14 e seguintes).

Que a Arca foi introduzida por David em Sião com sacrifícios e com júbilo (II Sam. 6:1 a 19).

Que então Uzah morreu porque a tinha tocado (Ibid., vers. 6, 7).

Que a Arca foi colocada no meio do templo de Jerusalém, cujo santuário formava (I Reis 6:19 e seg.; 8:3 a 9).

Que, pela presença e poder do Senhor na Lei que estava na Arca, as águas do Jordão foram separadas, e enquanto a Arca ficou no meio o povo o passou em seco (Jos. 3:1 a 17; 4:5 a 20).

Que os muros de Jericó desmoronaram, enquanto a arca os rodeou (Jos. 6:1 a 20).

Que Dagon, o deus dos filisteus, caiu por terra diante da arca e foi, depois, achado estendido à porta do templo, a cabeça separada do corpo (I Sam. 5:1 a 4).

Que alguns milhares de bethsemitas foram feridos por causa da arca (I Sam. 6:19).

60. Que as tábuas de pedra, sobre as quais a Lei estava gravada, foram chamadas “tábuas da aliança”, e que a arca, por causa dessas tábuas, foi chamada “arca da aliança”, e a Lei mesma a “aliança”, vê-se em Núm. 10:33; Deut. 4:13, 23; 5:2, 3; 9:9; Jos. 3:11; I Reis, 8:19, 21; Apoc. 11:19, e em muitas outras passagens. A Lei foi chamada “aliança” porque a aliança significa a conjunção; por isso o Senhor disse que Ele “será dado por aliança do povo.” (Isa. 42:6; 49:8); e é chamado “o Anjo da aliança.” (Malaq. 3:1); e seu sangue, o “sangue da aliança.” (Mat. 26:27; Zac. 9:11; Êx. 24:4 a 10). É por isso que a Palavra é chamada a “Antiga Aliança” e a “Nova Aliança”. As

alianças também se fazem em vista do amor, da amizade, da consorciação, por conseguinte, em vista da conjunção.

61. Os preceitos desta Lei são chamados as “Dez palavras.” (Êx. 34:28; Deut. 4:13; 10:4). Assim são chamados porque “dez” significa todas as coisas e “palavras” significam os veros. De fato, havia ali mais de dez palavras. Como “dez” significa todas as coisas, por isso o tabernáculo tinha dez cortinas (Êx. 26:1). Por isso o Senhor disse que o homem, quando foi tomar posse de um reino, chamou “dez servos” e lhes deu “dez minas” para negociar (Luc. 19:13). É por isso que o Senhor comparou o reino dos céus a “dez virgens.” (Mat. 25:1). Por isso foi dito, na descrição do dragão, que este tinha “dez chifres” e sobre os chifres “dez diademas” (Apoc. 12:3), como a besta que subia do mar (Apoc. 13:1), e também como a outra besta (Apoc. 16:3,7); também a besta em Daniel (7:7, 20, 24). “Dez” significa a mesma coisa em Levít. 26:26, Zac. 8:23 e em outros lugares. Daí se originaram os “dízimos”, que significam algo proveniente de todas as coisas.

Cap. VII Que os homicídios, adultérios, roubos e falsos testemunhos de todo gênero, como as concupiscência por eles, são os males de que se deve fugir como pecados.

62. Sabe-se que a Lei do Sinai foi gravada em duas tábuas e que a primeira tábua contém as coisas que são de Deus e a outra, as que são do homem. Que a primeira tábua contenha todas as coisas que são de Deus e a outra todas as que são do homem, isto não aparece na letra, mas todas essas coisas estão nelas; é por isso que são também chamadas as “Dez Palavras”, pelas quais são significados todos os veros no complexo (vide acima, N. 61). Mas como todas as coisas estão ali, não é possível expô-lo em poucas palavras; todavia, pode-se compreendê-lo segundo o que foi referido na Doutrina Sobre A Escritura Santa (n. 67). Daí vem que se dizem todo gênero de homicídios, adultérios, roubos e falsos testemunhos.

63. Estabeleceu-se uma religião que declara que ninguém pode cumprir a Lei; e a Lei é não matar, não adulterar, não roubar e não levantar falso testemunho. Estes preceitos da Lei todo homem civil e moral pode cumprir segundo a vida civil e moral, mas essa religião nega que ele o possa segundo a vida espiritual. Daí se segue que é preciso não praticar essas ações somente para evitar as penas e os danos no mundo, e não para evitar as penas e os danos depois que se deixou o mundo. Resulta que o homem, em quem uma tal religião se estabeleceu, pensa que aquelas ações são lícitas perante Deus, mas ilícitas perante o mundo. Por causa deste pensamento, proveniente de sua religião, o homem está na concupiscência de todos esses males e somente

deixa de fazê-los por causa do mundo. Eis porque um tal homem, depois da morte, ainda que não tenha praticado homicídios, adultérios, roubos, falsos testemunhos, todavia cobiça praticá-los, e também os pratica, quando o externo que teve no mundo lhe é retirado. Toda cobiça permanece no homem depois da morte; daí se segue que tais homens fazem um com o inferno e não podem deixar de ter a sorte daqueles que estão no inferno. Mas uma outra sorte cabe àqueles que não querem nem matar, nem cometer adultério, nem roubar, nem levantar falso testemunho, porque praticar tais atos é agir contra Deus; esses, depois de alguns combates contra tais males, não os desejam, assim não cobiçam fazê-los. Dizem em seu coração que são pecados, em si infernais e diabólicos; esses, depois da morte, quando o externo que tiveram para o mundo lhes é retirado, fazem um com o céu; e, porque estão no Senhor, entram também no céu.

64. É coisa comum a toda religião que o homem deve se examinar, fazer penitência e desistir dos pecados, porque, se não faz isso, está em condenação. Que seja comum a toda religião, vê-se acima (ns. 4-8). É ainda comum, em todo o mundo cristão, ensinar o Decálogo e, por seu intermédio, iniciar as crianças na religião cristã, porque ele está na mão de todas as crianças. Os pais mesmos e os mestres lhes dizem que fazer o que ele proíbe é pecar contra Deus, e quando assim falam com as crianças estão disto convencidos. Quem deixará de se admirar que esses mesmos homens, e também as crianças depois de adultas, pensem que não estão debaixo dessa Lei e não podem fazer as coisas por essa Lei determinadas? A única razão que os induz a pensar assim é que eles amam os males e, por consequência, os falsos que favorecem tais males. São esses, portanto, que não consideram os preceitos do Decálogo como coisas da religião. Que essas mesmas pessoas vivam sem religião, ver-se-á na Doutrina da Fé.

65. Em todas as nações da terra que têm uma religião há preceitos semelhantes aos do Decálogo; e todos aqueles que vivem conforme esses preceitos pela religião são salvos, mas todos aqueles que não vivem conforme esses preceitos pela religião são condenados. Aqueles que vivem conforme esses preceitos pela religião, sendo instruídos depois de sua morte pelos anjos, recebem os veros e reconhecem o Senhor. A razão disto é que eles fogem dos males como pecados e, por consequência, estão no bem, e o bem ama o vero e, segundo o desejo do amor, o recebe, assim como foi mostrado acima, (ns. 32 a 41). Isto é o que se entende pelas palavras do Senhor aos judeus:

“Será tirado de vós o reino de Deus, e será dado a uma nação que dê frutos.” (Mat. 21:43).

Depois, por estas outras:

“Quando... vier o Senhor da vinha, porá à morte os maus, e arrendará a sua vinha a outros lavradores, que a seu tempo Lhe dêem os frutos.” (Mat. 21:40, 41).

E ainda por estas:

“Eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente” “e do norte e do sul, e assentar-se-ão à mesa no reino de Deus”; “mas os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores.” (Mat. 8:11, 12; Lucas 13:29).

66. Lê-se, em Marcos, que um homem rico veio a Jesus e perguntou- Lhe o que era preciso fazer para receber a vida eterna em herança. Jesus lhe disse:

“Conheces os mandamentos: Não cometerás adultério; não matarás; não roubarás; não levantarás falso testemunho; não cometerás fraude; honra teu pai e tua mãe. Ele, respondendo, disse: Todas essas coisas tenho guardado desde a juventude. Jesus... olhou, e o amou; todavia, disse-lhe: Uma coisa te falta: Vai, vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres; assim terás um tesouro nos céus; então, vem, toma a cruz, e segue-Me.” (10:17 a 22).

É dito que Jesus o amou; isto é porque ele disse que tinha guardado os preceitos desde a juventude; mas restavam-lhe três coisas a cumprir, a saber, não tinha desapegado o seu coração das riquezas, não tinha combatido contra as cobiças e ainda não tinha reconhecido o Senhor como Deus. Por isso o Senhor lhe disse que “vendesse tudo quanto tinha”, o que significa desapegar o coração das riquezas; “trouxesse a cruz”, o que significa combater contra as concupiscências; e “seguir- Lo”, o que significa reconhecer o Senhor como Deus. Aqui, como por toda a parte, o Senhor falou por meio das correspondências (vide a “Doutrina sobre a Escritura Santa”, n. 17). Com efeito, fugir dos males como pecados, ninguém o pode, a não ser reconhecendo o Senhor e a Ele se dirigindo, e a não ser combatendo contra os males e afastando assim as concupiscências. Mas, sobre este assunto, achar-se-ão maiores detalhes no artigo sobre os combates contra os males.

Cap. VIII Quanto mais alguém foge dos homicídios de todo gênero como pecados, mais tem amor para com o próximo.

67. Pelos homicídios de todo gênero se entendem também as inimizades, os ódios e as vinganças de todo gênero, que respiram a morte, porque o homicídio está latente nesses sentimentos como o fogo na lenha sob a cinza; o fogo infernal não é outra coisa; é por isso que se diz: “arder de ódio” e “inflamar por vingança.” Esses são os homicídios no sentido natural. Mas, no sentido espiritual, pelos homicídios se entendem todos os modos, que são variados e em grande número, de se matar e destruir as almas dos homens. E, no sentido supremo, por “homicídio” se entende ter ódio ao Senhor. Esses três

gêneros de homicídios fazem um e são coerentes, porquanto aquele que quer a morte do corpo de um homem no mundo, quer a morte de sua alma depois da morte, e quer a morte do Senhor, porque está inflamado de ira contra Ele e quer extinguir Seu Nome.

68. Esses gêneros de homicídios estão latentes no íntimo do homem por nascimento, mas ele aprende, desde a infância, a cobri-los pela civilidade e a moralidade nas quais deve estar com os homens no mundo. E, enquanto ama a honra ou o lucro, vigia para que isso não se mostre. Torna-se isso o externo do homem, enquanto aqueles homicídios formam-lhe o interno. Tal é o homem em si mesmo. Ora, como ele se despe do externo com o corpo, quando morre, e retém o interno, vê-se claramente que diabo seria ele, se não fosse reformado.

69. Visto que os gêneros de homicídios acima designados, estão, como foi dito, latentes no íntimo do homem por nascimento, e, ao mesmo tempo, os roubos de todo gênero e todo gênero de falsos testemunhos, com as concupiscências para tais males, dos quais se tratará adiante, é claro que, se o Senhor não tivesse provido os meios de reforma, o homem não teria podido deixar de perecer pela eternidade. Os meios de reforma, aos quais o Senhor tem provido, são estes: ao nascer, o homem está em mera ignorância, e logo que nasce é mantido em um estado de inocência externa; pouco depois, num estado de caridade externa, e, em seguida, num estado da amizade externa. Mas quando entra no pensamento pelo seu entendimento, é mantido em uma espécie de liberdade de agir segundo a razão. É esse estado que foi descrito acima, n. 19, e que é necessário repetir aqui, em razão do que será dito na seqüência, a saber: “Enquanto está no mundo, o homem está em um meio entre o inferno e o céu; abaixo está o inferno e acima está o céu, e assim é mantido na liberdade de se voltar ou para o inferno ou para o céu; se volta para o inferno, desvia-se do céu; mas se volta para o céu, desvia-se do inferno. Ou, o que é a mesma coisa: enquanto está no mundo, o homem está em um meio entre o Senhor e o diabo, e é mantido na liberdade de se voltar ou para um ou para outro; se volta para o diabo, desvia-se do Senhor; mas se volta para o Senhor, desvia-se do diabo. Ou, o que é ainda a mesma coisa: enquanto está no mundo, o homem está em um meio entre o mal e o bem, e é mantido na liberdade de se voltar ou para um ou para outro; se volta para o mal, desvia-se do bem; mas se volta para o bem, desvia-se do mal.” Isto foi dito acima, n.1 19. Vide também os ns. 20 a 22, que ali se seguem.

70. Ora, pois que o mal e o bem são dois opostos, absolutamente como o inferno e o céu, ou como o diabo e o Senhor, segue-se que, se o homem foge do mal como pecado, vem ao bem oposto ao mal; o bem oposto ao mal que se entende pelo homicídio, é o bem do amor para com o próximo.

71. Como esse bem e esse mal são opostos, segue-se que um é afastado pelo outro. Dois opostos não podem estar juntos, da mesma maneira que não podem estar juntos o céu e o inferno. Se estivessem juntos, haveria o morno de que assim se fala no Apocalipse:

“Conheço que nem és frio nem quente; melhor fora frio ou quente; assim, pois que és morno, e nem és frio nem quente, vomitar-te-ei da Minha boca.” (3:15, 16).

72. Quando o homem não está mais no mal do homicídio, mas no bem do amor para com o próximo, então tudo o que ele faz é o bem desse amor, por consequência, é uma boa obra. O sacerdote que está nesse bem faz uma boa obra todas as vezes que ensina e conduz, porque é pelo amor de salvar as almas. O magistrado que está nesse bem faz uma boa obra todas as vezes que prepara e julga, porque é pelo amor de cuidar da pátria, da sociedade e dos concidadãos. Semelhantemente o negociante: está-se nesse bem, toda operação do seus negócios é uma boa obra, está no amor para com o próximo, e o próximo são a pátria, a sociedade, os concidadãos e também as pessoas de casa, dos quais cuida como de si mesmo. Também o operário, que está nesse bem quando trabalha fielmente para os outros como para si próprio, temendo causar dano ao próximo como a si mesmo. Que os seus feitos sejam boas obras, é porque quanto mais alguém foge do mal, mais pratica o bem, segundo a lei geral (vide acima, n. 21); e quem foge do mal como pecado faz o bem não por si, mas pelo Senhor (ns. 18 a 31). O contrário se dá com aquele que não considera como pecados os diversos gêneros de homicídios que são as inimizades, os ódios, as vinganças e muitos outros, quer seja sacerdote, magistrado, negociante ou operário; tudo o que faz não é boa obra, porque todas as suas obras participam do mal que está interiormente nele. Com efeito, seu interno é que as produz; o externo pode ser bom, mas para os outros, não para ele.

73. O Senhor ensina o bem do amor em muitos lugares na Palavra, e o ensina em Mateus, pela reconciliação com o próximo:

“Se apresentares a tua oferta sobre o altar, e ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali a tua oferta diante do altar, e vai antes te reconciliar com o irmão, e então vem e apresenta a tua oferta. Faze benevolência com o teu adversário enquanto estás no caminho com ele, para que o adversário não te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao servidor, e te encerrem na prisão. Em verdade te digo que não sairás dali enquanto não pagares o último ceutil.” (5:23 a 26).

“Reconciliar-se com o irmão” é fugir da inimizade, do ódio e da vingança; que isto seja fugir de tais males como pecados, é evidente. O Senhor o ensina também em Mateus:

“Tudo o que quereis que os homens vos façam, assim fazei-lho também vós, porque esta é a Lei e os Profetas.” (7:12),

por conseguinte, não é o mal. E em muitas outras passagens. O Senhor também ensina que “matar” é também se encolerizar sem motivo contra o irmão ou o próximo, e tê-lo como inimigo (Mat. 5:21,22).

Cap. IX Quanto mais alguém foge dos adultérios de todo gênero como pecados, mais ama a castidade.

74. Por “adulterar”, no sexto preceito do Decálogo, entende-se, no sentido natural, não só praticar exortação, mas também fazer obscenidades, dizer lascívia e pensar indecências. No sentido espiritual, porém, por “adulterar” entende-se adulterar os bens da Palavra e falsificar os seus veros. Mas no sentido supremo, por “adulterar” se entende negar o Divino do Senhor e profanar a Palavra. São esses os adultérios de todo o gênero. O homem natural pode saber, segundo a luz racional, que por “adulterar” se entende também fazer obscenidades, dizer lascívia e pensar indecências; mas não sabe que, por “adulterar”, entende-se também adulterar os bens da Palavra e falsificar os seus veros; e ainda menos sabe que se entende negar o Divino do Senhor e profanar a Palavra; por conseqüência, não sabe tampouco que o adultério é um mal tão grande que pode ser chamado o diabólico mesmo. Porque aquele que está no adultério natural está também no adultério espiritual, e vice-versa. Que tal seja, será demonstrado em uma obra especial sobre “O Casamento”. Estão ao mesmo tempo nos adultérios de todo o gênero aqueles que, segundo a fé e a vida, não consideram os adultérios como pecados.

75. Que quanto mais alguém foge do adultério, mais ama o casamento, ou, o que é o mesmo, quanto mais alguém foge das lascívia do adultério mais ama a castidade do casamento, é porque a lascívia do adultério e a castidade do casamento são dois opostos. Por isso, quanto mais alguém não está em um, mais está no outro, exatamente como foi dito acima (n.70).

76. Ninguém pode saber o que é a castidade do casamento, a não ser que fuja da lascívia do adultério como pecado. O homem pode saber o que é aquilo em que está, mas não pode saber aquilo em que não está. Se, por descrição ou pelo pensamento, sabe alguma coisa daquilo em que não está, não o pode saber senão na sombra, sempre acompanhado de dúvida. A razão é porque ele não o vê na luz e sem dúvida senão quando ele próprio ali está. Isto é que é saber, mas aquilo é saber e não saber. A verdade é que a lascívia do adultério e a castidade do casamento estão absolutamente entre si como o inferno e o céu entre si estão, e a lascívia do adultério produz o inferno no homem, mas a castidade do casamento produz o céu nele. A castidade do

casamento só existe para aquele que foge da lascívia do adultério como pecado (vide abaixo, n. 111).

77. Segundo isto, pode-se concluir e ver, sem ambigüidade, se um homem é cristão ou não, e mesmo se está tem alguma religião ou não. Aquele que, segundo a fé e a vida, não considera os adultérios como pecados, esse não é cristão e não tem religião. Aquele, ao contrario, que foge dos adultérios como pecados, e mais ainda aquele que, por causa disso, os tem em aversão, e mais ainda aquele que por causa disso os abomina, esse tem religião; e, se está na igreja cristã, é cristão. Mas, sobre este assunto, muitas coisas serão ditas na obra sobre O Casamento. Vide também as coisas que a este respeito foram ditas na obra O Céu e o Inferno, Ns. 366 a 386.

78. Que por “adulterar” se entenda também fazer obscenidades, dizer lascívias e pensar indecências, vê-se pelas palavras do Senhor em Mateus:

“Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo que qualquer que olhar a mulher de outrem para a cobiçar, já cometeu adultério com ela em seu coração.” (5:27,28).

79. Que, no sentido espiritual, por “adulterar”, se entenda adulterar o bem da Palavra e falsificar-lhe o vero, vê-se por isto:

“Babilônia... do vinho da sua exortação, deu de beber a todas as nações.” (Apoc. 14: 8);

O Anjo disse: “Mostrar-te-ei o julgamento da grande meretriz que está assentada sobre muitas águas, com a qual os reis da terra cometeram exortação.” (Apoc. 17: 1, 2);

Babilônia “do vinho do furor da sua exortação deu a beber a todas as nações, e os reis da terra com ela cometeram exortação.” (Apoc. 18:3);

Deus “julgou a grande meretriz, que corrompeu a terra com a sua exortação.” (Apoc. 19:2).

A “exortação” se diz de Babilônia, porque por “Babilônia” são entendidos aqueles que se arrogam o Divino poder do Senhor, e que profanam a Palavra, adulterando-a e falsificando. É também por isso que Babilônia é chamada “a mãe das exortações e das abominações da terra.” (Apoc. 17: 5). Semelhante coisa significa a “exortação” nos Profetas. Por exemplo, em Jeremias:

“Nos profetas de Jerusalém vejo uma obstinação horrenda em adulterar e em caminhar em mentiras.” (23:14).

Em Ezequiel:

“Duas mulheres, filhas de uma mesma mãe, cometeram exortação no Egito; em sua adolescência cometeram exortação... uma cometeu exortação, sendo minha, e enamorou-se dos seus amásios, dos Assírios, seus vizinhos; assim cometeu ela as suas exortações com eles, mas as suas exortações, que trouxe do Egito, não deixou. A outra corrompeu o seu amor mais do que ela, e as suas exortações acima das exortações de sua irmã; aumentou as suas

exortações, amou os caldeus; a ela vieram os filhos de Babel para a cama dos amores, e a contaminaram com as suas exortações.” (23: 2 a 17).

Estas expressões se referem às Igrejas Israelita e Judaica, que são aqui “as filhas de uma mesma mãe”; por “suas exortações” são entendidas as adulterações e as falsificações da Palavra. E como, na Palavra, o “Egito” significa a ciência, a “Assíria” o raciocínio, a “Caldéia” a profanação do vero e “Babel” a profanação do bem, daí se dizer que elas “cometeram exortação com eles”. Diz-se a mesma coisa de Jerusalém, que significa a Igreja quanto à Doutrina, em Ezequiel:

Jerusalém, “confiaste na tua beleza, e cometeste exortação por causa da tua fama, ao ponto que derramaste as tuas exortações sobre todo o que passava. Cometeste exortação com os filhos do Egito, teus vizinhos, grandes de carnes, e multiplicaste a tua exortação; cometeste exortação com os filhos da Assíria... como eras insaciável, depois de ter com eles cometido exortação, ... multiplicaste as tuas exortações até na terra do comércio, a Caldéia... Mulher adúltera! que, em lugar do seu marido, recebe os estranhos: a todas as meretrizes se dá seu pagamento, mas tu dás pagamento a todos os teus amantes,... para que venham a ti de todas as partes para tuas exortações. ...por isso, ó meretriz, ouve a palavra de JEHOVAH.” (16: 15, 26, 28, 29, 32, 33, 35 e seq.).

Que por “Jerusalém” se entenda a igreja, vê-se na Doutrina no Senhor, ns. 62 e 63. Semelhante coisas são significadas pelas exortações em Isaías 33:17, 18; 57:3; em Jeremias 3:2, 6, 8 e 9; 5:1, 7; 13:27; 29:23; em Miquéias 1: 7; em Naum 3:3, 4; em Oséias 4: 10, 11; também no Levítico 20:5; Números 14:33; 15:39, e em outras passagens. Foi por esse motivo também que o Senhor chamou a nação judaica de “geração adúltera.” (Mat. 12:39; 16:4; Mc. 8:38).

Cap. X Quanto mais alguém foge dos roubos de todo gênero como pecados, mais ama a sinceridade.

80. Por “roubar”, no sentido natural, se entende não só roubar e assaltar, mas também fraudar e tomar de outrem seu bem sob um pretexto qualquer. Mas por “roubar”, no sentido espiritual, se entende privar os outros dos seus veros da fé e dos seus bens da caridade. No sentido supremo, por “roubar” se entende tomar do Senhor as coisas que Lhe pertencem, e atribuí-las a si próprio, por consequência arrogares para si justiça e mérito, São esses os roubos de todo o gênero; também eles formam um, como os adultérios de todo o gênero e como os homicídios de todo o gênero, dos quais precedentemente se falou. Se formam um, é porque um está dentro do outro.

81. O mal do roubo entra no homem mais profundamente do que qualquer outro mal porque se conjunta com a astúcia e o dolo, e a astúcia e o dolo se insinuam até na mente espiritual do homem, onde está seu pensamento com o entendimento. Que no homem haja uma mente espiritual e uma mente natural, ver-se-á abaixo.

82. Que quanto mais alguém foge do roubo como pecado, mais ama a sinceridade, é porque o roubo é também uma fraude, e a fraude e a sinceridade são dois opostos. Por isso, quanto mais alguém não está na fraude, mais está na sinceridade.

83. Por sinceridade entende-se também a integridade, a justiça, a fidelidade e a retidão. O homem não pode estar nelas por si mesmo, a ponto de amá-las segundo elas e por causa delas; mas aquele que foge das fraudes, das astúcias e dos dolos como pecados, está nelas, não por si, mas pelo Senhor, como foi mostrado acima (ns. 18 a 31); assim o sacerdote, assim o magistrado, assim o juiz, assim o negociante, assim o operário, assim cada um em sua função e em sua obra.

84. É o que ensina a Palavra em muitas passagens, das quais se verão algumas:

“Aquele que anda em justiça e fala com retidão; que tem aversão ao ganho da opressão; sacode suas mãos para não receber presentes, tapa os ouvidos para não ouvir acerca de sangues e fecha os olhos para não ver o mal; esse habitará nas alturas”. (Isaías 33:15).

“JEHOVAH, quem morará na Tua tenda, quem habitará no monte de Tua santidade? Aquele que anda em integridade e pratica a justiça... aquele que não difama com a sua língua, nem faz mal ao seu amigo.” (Salmo 15:1,2,3 e seq).

“Os meus olhos estão sobre os fiéis da terra, para que se assentem comigo. O que anda no caminho do íntegro, esse me servirá; não se assentará dentro de Minha casa o que age dolosamente; o que fala mentiras não ficará diante dos Meus olhos. Pela aurora destruirei todos os ímpios da terra, para desarraigar da cidade... todos os que obram iniquidade.” (Salmo 101:6-8).

Se alguém não for interiormente sincero, justo, fiel e reto, ele é insincero, injusto, infiel e não reto; é o que o Senhor ensina por estas palavras:

“Se vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus.” (Mat. 5:20);

pela “justiça que excede a dos escribas e fariseus”, entende-se uma justiça interior, na qual se acha o homem que está no Senhor. Que o homem pode estar no Senhor, é o que o Ele também ensina em João:

“Eu lhes dei a glória que Me deste, para que sejam um, como nós somos Um: Eu neles, e Tu em Mim, para que sejam perfeitos em um... e para que o amor com que Me tens amado esteja neles, e Eu neles.” (27:22, 23, 26),

pelo que é evidente que os homens são perfeitos quando o Senhor está neles. São esses os que são chamados “...puros de coração, que verão a Deus”, e “perfeitos como o Pai que está nos céus”. (Mat. 5: 8, 48).

85. Acima (n. 81) foi dito que o mal do roubo entra no homem mais profundamente do que qualquer outro mal, porque foi conjunto à astúcia e ao dolo; e que a astúcia e o dolo se insinuam até na mente espiritual do homem, na qual está o seu pensamento com o entendimento. Por isso, agora se dirá alguma coisa sobre a mente do homem. Que a mente do homem seja seu entendimento e, ao mesmo tempo, sua vontade, viu-se acima (n. 43).

86. Há no homem uma mente natural e uma mente espiritual. A mente natural está em baixo, e a mente espiritual em cima. A mente natural é a mente de seu mundo, e a mente espiritual é a de seu céu. A mente natural pode ser chamada mente animal, e a espiritual mente humana. O homem é distinguido do animal por isso, que há nele uma mente espiritual pela qual pode estar no céu enquanto está no mundo. É também por esta mente que o homem vive depois da morte.

[2] Pelo entendimento, o homem pode estar na mente espiritual e, por conseguinte, no céu; mas, pela vontade, ele não pode estar na mente espiritual e, portanto, no céu, se não fugir dos males como pecados. E se não estiver aí também pela vontade, não está entretanto no céu, porque a vontade arrasta o entendimento para baixo, e faz que ele se torne com ela igualmente natural e animal.

[3] O homem pode ser comparado a um jardim: o entendimento, à luz, e a vontade, ao calor. No tempo do inverno, o jardim está na luz e não ao mesmo tempo no calor; mas, no tempo do verão, está na luz e ao mesmo tempo no calor. É por esse motivo que o homem que está somente na luz do entendimento é como um jardim no tempo do inverno; mas o que está ao mesmo tempo na luz do entendimento e no calor da vontade é como um jardim no tempo do verão. Também, o entendimento é sábio pela luz espiritual, e a vontade ama pelo calor espiritual, pois que a luz espiritual é a Divina Sabedoria e calor espiritual é o Divino Amor.

[3] Enquanto não foge dos males como pecados, as concupiscências dos males obstruem os interiores da mente natural por parte da vontade; elas formam aí um denso véu e como que uma nuvem escura sob a mente espiritual, e impedem que esta se abra. Porém, logo que o homem foge dos males como pecados, então o Senhor influi do céu, e tira o véu, e dissipa a nuvem, e abre a mente espiritual, e assim introduz o homem no céu.

[4] Enquanto as concupiscências dos males obstruírem os interiores da mente natural, como já se disse, o homem está no inferno. Mas logo que essas concupiscências são dissipadas pelo Senhor, o homem está no céu. E mais, enquanto as cobiças dos males obstruírem os interiores da mente natural, o

homem é natural; mas logo que essas cobiças são dissipadas pelo Senhor, o homem é espiritual. E ainda mais, enquanto as cobiças dos males obstruírem os interiores da mente natural, o homem é animal; ele difere unicamente do animal pelo fato de poder pensar e falar, até sobre as coisas que não vê com os olhos, o que lhe vem da faculdade que possui de elevar seu entendimento à luz do céu.

[5] Mas logo que essas concupiscências são dissipadas pelo Senhor, o homem é homem, porque então pensa o vero no entendimento pelo bem na vontade. Enfim, enquanto as concupiscências dos males obstruírem os interiores da mente natural, o homem é como um jardim no tempo do inverno; mas logo que essas concupiscências são dissipadas pelo Senhor, é como um jardim no tempo do verão.

[6] A conjunção da vontade com o entendimento no homem é o que se entende, na Palavra, pelo “coração” e a “alma”, e pelo “coração” e o “espírito”, como onde se diz que se deve amar a Deus

“de todo o coração e de toda a alma.” (Mat. 22:37),
que Deus dará

“um novo coração e um novo espírito” (Ezeq. 11:19; 36:26, 27);

pelo “coração” se entende à vontade e seu amor; e pela “alma” e o “espírito”, o entendimento e sua sabedoria.

Cap. XI Quanto mais alguém foge dos falsos testemunhos de todo gênero como pecados, mais ama a verdade.

87. No sentido natural, por “dar falso testemunho” se entende não só ser testemunha falsa, mas também mentir e difamar. No sentido espiritual, por “dar falso testemunho” entende-se dizer e persuadir que o falso é o vero e que o mal é o bem, e vice-versa. E, no sentido supremo, por “dar falso testemunho” entende-se blasfemar contra o Senhor e a Palavra. Tais são os “falsos testemunhos” no tríplice sentido. Que essas coisas façam um no homem que é testemunha falsa, que fala mentira e difama, pode-se ver pelo que se mostrou sobre o tríplice sentido da Palavra na Doutrina da Escritura Santa, (ns. 5, 6, 7 e seguintes e n. 57).

88. Visto que a mentira e a verdade são dois opostos, segue-se que, quanto mais alguém foge da mentira como pecado, mais ama a verdade.

89. Quanto mais alguém ama a verdade, mais ele quer conhecê-la e é afetado de coração quando a encontra. Nenhum outro vem à sabedoria. E quanto mais ama praticar a verdade, mais sente a amenidade da luz em que a verdade está. Dá-se com isso como com as outras coisas de que se falou até aqui, como da sinceridade e da justiça naquele que foge de todo gênero de

roubo, da castidade e da pureza naquele que foge de todo gênero de adultério, do amor e da caridade naquele que foge de todo gênero de homicídio, e assim por diante. Mas aquele que está nos opostos nada sabe dessas coisas, ainda que nelas haja tudo o que é real.

90. É a Verdade que se entende pela “semente no campo”, a cujo respeito o Senhor disse:

“O semeador saiu a semear... e, quando semeava, alguma caiu no caminho e foi pisada, e as aves do céu a comeram. E uma outra caiu sobre lugares pedregosos, mas quando cresceu, secou-se, porquanto não tinha raiz... Outra caiu no meio de espinhos, e crescendo com ela os espinhos, a sufocaram. E outra caiu em boa terra, e, tendo nascido, produziu muito fruto.” (Lucas 8:5-8; Mat. 13: 3- 8; Marcos, 4:3-8);

aqui, o “Semeador” é o Senhor, e a “semente” é a Sua Palavra, por conseguinte, a verdade; a “semente no caminho” é naqueles que não se importam com a verdade; a “semente nos lugares pedregosos” é naqueles que se ocupam da verdade, mas não por ela mesma e portanto não interiormente; a “semente no meio de espinhos” é naqueles que estão nas concupiscências do mal; mas a “semente em boa terra” é nos que amam as verdades que estão na Palavra procedente do Senhor, e que, por Ele, as praticam e produzem assim frutos. Que seja isso o que é entendido, vê-se pela explicação que o Senhor lhes dá (Mat. 13:19-23, 37; Mc. 4:14-20; Luc. 8:11-15). Por aí é evidente que a verdade da Palavra não pode se enraizar nos que não se importam com a verdade, nem nos que amam a verdade exteriormente e não interiormente, nem nos que estão nas concupiscências do mal, mas naqueles em quem as concupiscências do mal foram dissipadas pelo Senhor. Nesses, a semente, isto é, a verdade, se enraíza em sua mente espiritual; (vide n. 86, no fim).

91. É hoje opinião geral que, para ser salvo, basta crer tal ou qual coisa que a igreja ensina, e que não é praticar os preceitos do Decálogo, que são: não matar, não adulterar, não roubar, não levantar falso testemunho, tanto no sentido estrito como no sentido lato. Com efeito, diz-se que Deus não considera as obras, mas a fé, quando a verdade é que quanto mais alguém está nesses males, mais ele não tem fé (vide ns. 42-52). Consulta a tua razão, e examina com perspicácia se quem é homicida, adúltero, ladrão ou falsa testemunha, pode ter fé enquanto estiver na concupiscência desses males B e também se a concupiscência desses males pode ser dissipada senão por não querer cometê-los por serem pecados, isto é, porque são infernais e diabólicos. Por isso, aquele que pensa que, para ser salvo, basta crer em tal ou qual coisa que a Igreja ensina, e que se entrega a esses males, não passa de um estulto, segundo as palavras do Senhor em Mateus (7:26). Uma tal Igreja é descrita assim em Jeremias:

“Põe-te à porta da casa de JEHOVAH, e proclama ali esta Palavra: ...Assim diz JEHOVAH Zebaoth, o Deus de Israel: Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras ... não vos fieis em palavras de mentira, dizendo: O templo de JEHOVAH! o templo de JEHOVAH, estes! Porventura é roubando, matando, e adulterando e jurando com mentiras que vireis depois e vos poreis diante de Mim, nesta casa que se chama pelo Meu Nome, direis: Fomos resgatados, enquanto fazes tais abominações? Porventura esta casa se tornou caverna de ladrões...? Também eis que Eu vi, palavra de JEHOVAH.” (7:2-4,9-11).

Cap. XII Ninguém pode fugir dos males como pecados, até ao ponto de ter interiormente aversão por eles, a não ser por combates contra eles.

92. Pela Palavra e pela doutrina tirada da Palavra, qualquer um sabe que o próprio do homem por nascimento é mal, e que daí é que, por uma concupiscência inata, ele ama os males e é levado a eles, de modo que quer vingar-se, quer fraudar, quer difamar e quer adulterar. E, se não considera que tais coisas são pecados e, por esse motivo, não resiste a elas, ele as pratica todas as vezes que a ocasião se apresentar e a sua reputação não sofrer em relação à honra ou ganho. Acresce que o homem as pratica por prazer, se não houver religião nele.

93. Como esse próprio do homem constitui a primeira raiz de sua vida, vê-se qual árvore seria o homem, se essa raiz não fosse extirpada e uma nova raiz não fosse implantada: seria a árvore podre que deve ser cortada e lançada no fogo, segundo o que se diz em Mateus 3:10; 7:19. Essa raiz não é extirpada e uma nova não é colocada em seu lugar, a não ser se o homem considerar os males que formam essa raiz como danosos para sua alma, e queira, em razão disso, desviar-se deles. Mas como eles pertencem a seu próprio e, portanto, são prazeres, ele não pode desviar-se deles senão como contra si próprio, com luta e, assim, com combate.

94. Todo homem que crê que há um inferno e um céu, e que o céu é uma eterna felicidade e o inferno uma eterna infelicidade, e crê que para o inferno vão os que praticam os males, e para o céu os que praticam os bens, esse homem combate. E quem combate opera pelo interior e contra a concupiscência mesma que constitui a raiz do mal. Porque aquele que combate contra alguma coisa não quer essa tal coisa, e cobiçar é querer. Daí é evidente que a raiz do mal não é tirada senão pelo combate.

95. Quanto mais, pois, alguém combate e, assim, afasta o mal, mais o bem toma o lugar do mal, e mais vê, pelo bem, a face do mal, e então vê que é

infernais e horrendos. E, por ser tal, não só foge dele, mas também o tem em aversão e finalmente o abomina.

96. O homem que combate contra os males não pode deixar de combatê-los como por si próprio, porque aquele que não combate como por si mesmo, não combate, mas é qual um autômato que nada vê e nada faz; e, de conformidade com o mal, pensa continuamente a favor do mal e não contra o mal. Mas cumpre bem saber que só o Senhor é Quem combate no homem contra os males; ao homem somente parece que combate por si mesmo, e o Senhor quer que isso assim pareça ao homem porque, visto que, sem essa aparência, não há combate e, por conseguinte, não há reforma.

97. Esse combate não é grave senão para aqueles que soltaram todos os freios às concupiscências e a elas se entregaram de propósito, e também para os que repudiaram com obstinação as coisas santas da Palavra e da Igreja. Mas para os outros não é grave. Que eles resistam aos males na intenção, ao menos uma vez por semana, ou duas vezes por mês, e perceberão uma mudança.

98. A Igreja cristã é chamada de igreja combatente, e ela somente pode ser chamada combatente contra o diabo, assim contra o que procede do inferno; o inferno é o diabo. Esse combate é a tentação que o homem da Igreja sofre.

99. Desses combates contra os males, que são as tentações, trata-se em muitas passagens da Palavra. São entendidos por estas palavras do Senhor:

“Eu vo-lo digo: Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, ele permanece só; mas se morrer, produz muito fruto.” (João 12:24).

Também por estas:

“Qualquer que quiser vir após Mim, renuncie a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-Me. Qualquer... que quiser salvar a sua alma, perdê-la-á, mas quem perder a sua alma por causa de Mim e por causa do Evangelho, esse a salvará.” (Marcos 8:34,35);

pela “cruz” se entende a tentação (como também em Mateus 10:38, 16:24, Marcos 10:21, Lucas, 14:27); pela “alma” se entende a vida do próprio do homem (como também em Mateus 10:39, 16:25, Lucas 9:24, e sobretudo em João 12:25), a qual é também a vida da “carne”, que “para nada aproveita.” (João 6:63). É dos combates contra os males e das vitórias sobre eles que o Senhor fala a todas as Igrejas no Apocalipse. À Igreja de Éfeso:

“Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus.” (Apoc. 2:7).

À Igreja em Smirna:

“O que vencer não receberá dano da segunda morte”. (Apoc. 2:11).

À Igreja em Pérgamo:

“Ao que vencer dar-lhe-ei a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei um seixo branco, e no seixo um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe.” (Apoc. 2:17).

À Igreja em Tiatira:

“Ao que vencer e conservar até ao fim as Minhas obras, dar-lhe-ei poder sobre as nações; e estrela matutina.” (Apoc. 2:26,28).

À Igreja em Sardes:

“O que vencer será vestido de vestes brancas, e não riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de Meu Pai e diante dos Seus anjos.” (Apoc. 3:5)

À Igreja em Filadélfia:

“A quem vencer, fá-lo-ei coluna no templo de Meu Deus, e escreverei sobre ele o Nome de Deus, e o nome da cidade de Deus, a Nova Jerusalém, que de Deus desce do céu, e o meu novo Nome.” (Apoc. 3:12).

À Igreja em Laodiceia:

“Ao que vencer, dar-lhe-ei que se assente comigo em Meu trono.” (Apoc. 3:21).

100. Desses combates, que são as tentações, vide o que se tratou especialmente na Doutrina da Nova Jerusalém, publicada em Londres, no ano de 1758, ns. 187-201; de onde vêm e quais são, ns. 196, 197; como e quando se efetuam, n. 198; que bem produzem, n. 199; que o Senhor combate pelo homem, n. 200; dos combates ou tentações do Senhor, n. 201.

Cap. XIII O homem deve fugir dos males como pecados e combater contra eles como por si mesmo.

101. É da Ordem Divina que o homem aja pelo livre segundo a razão, porquanto agir pelo livre segundo a razão é agir por si mesmo. Mas estas duas faculdades, o livre [ou liberdade] e a razão, não são próprias do homem: pertencem ao Senhor no homem, e enquanto ele for homem, não lhe são tiradas, visto que sem elas não pode ser reformado, porque sem elas não pode fazer penitência, não pode combater contra os males, nem produzir, por conseguinte, frutos dignos da penitência. Ora, como o homem tem a liberdade e a razão pelo Senhor, e por essas o homem age, segue-se que ele age não por si, mas como por si. Que o homem seja livre pelo Senhor, vide acima (ns. 19, 20), e na obra d’O Céu e o Inferno, ns. 589-596 e 597-603. E o que é o livre, vide na Doutrina da Nova Jerusalém publicada em Londres em 1758, ns. 141 a 149. 102. O Senhor ama o homem e quer habitar nele, e não pode amá-lo nem habitar nele, exceto se for recebido e reciprocamente amado. É daí, e não de outra parte, que há a conjunção. O Senhor, por esta causa, deu ao homem a

liberdade e a razão: liberdade de pensar e de querer como por si mesmo, e a razão segundo a qual o faça. Não é possível amar alguém nem lhe ser conjunto se não houver nele o recíproco. E não é possível entrar em alguém nem permanecer nele se não houver recepção. Como a recepção e a reciprocidade estão no homem pelo Senhor, por isso o Senhor disse:

“Permanecei em Mim, e Eu em vós”. (João 15:4);

“Quem permanece em Mim, e Eu nele, esse produz muito fruto.” (João 15:5);

“Nesse dia conhecereis que vós estais em Mim, e Eu em vós.” (João 14:20).

Que o Senhor esteja nos veros e nos bens que o homem recebe e estão no homem, Ele o ensina também:

“Se permanecerdes em Mim, e Minhas palavras permanecerem em vós habitem ... Se guardardes os Meus mandamentos, permaneceréis no Meu amor.” (Jo. 15:7,10);

“Aquele que tem os Meus mandamentos e os faz, esse é que me ama, e Eu o amarei, e nele habitarei.” (Jo. 21:23).

Assim, o Senhor habita naquilo que Lhe pertence no homem, e o homem habita nas coisas que procedem do Senhor, assim, no Senhor.

103. Visto que há no homem, pelo Senhor, esse recíproco e esse alternativo, e, assim, o mútuo, por isso o Senhor diz que o homem deve fazer penitência, e ninguém pode fazer penitência senão como por si mesmo.

Jesus disse: “Se não fizerdes penitência, vós todos perecereis.” (Luc. 13:3, 5);

Jesus disse: “O reino de Deus está próximo, fazei penitência... crede no Evangelho”. (Marcos 1:14, 15);

Jesus disse: “Vim para chamar... os pecadores à penitência.” (Luc. 5:32).

Jesus disse às Igrejas: “Fazei penitência”. (Apoc. 2:5, 16, 21, 22; 3:3). Depois também: “Não fizeram penitência de suas obras.” (Apoc. 16:11).

104. Como há no homem, pelo Senhor, esse recíproco e esse alternativo, e, assim, o mútuo, por isso o Senhor disse que o homem deve cumprir os preceitos e produzir frutos:

“Por que... Me chamais Senhor, Senhor! e não fazeis o que Eu digo?” (Lucas 6:46-49);

“Se sabeis estas coisas, felizes sois, se as fizerdes”. (João 13:17);

“Meus amigos sois, se fizerdes o que vos mando”. (João 15:14);

“Aquele que faz e ensina, será chamado grande no reino dos céus”. (Mat. 5:19).

“Todo aquele... que escuta as Minhas palavras e as pratica, compará-lo-ei a um homem prudente”. (Mat. 7:24);

“Produzi frutos dignos da penitência.” (Mat. 3:8);

“Fazei a árvore boa, e seu fruto bom.” (Mat. 12:33);

“O reino... será dado a uma nação que produz seus frutos”. (Mat. 21:43);

“Toda árvore que não produz frutos... é cortada e no fogo lançada”. (Mat. 7:19).

E em muitos outros lugares. Pelo que se torna evidente que o homem deve fazer por si mesmo, mas pelo poder do Senhor, o qual ele deve implorar; e é isso fazer como por si mesmo.

105. Como há no homem, pelo Senhor, o recíproco e o alternativo, e, assim, o mútuo, por isso o homem prestará conta de suas obras, e será retribuído segundo as obras, porque o Senhor disse:

“Virá... o Filho do homem virá... e dará a cada um segundo os seus feitos.” (Mat. 16:27).

“Os que tiverem feito os bens sairão em ressurreição de vida; e os que tiverem feito os males, em ressurreição de juízo.” (João 5:29);

“As suas obras seguem com eles”. (Apoc. 14:13);

“Todos foram julgados segundo as suas obras.” (Apoc. 20:13);

“Eis, venho... e a Minha recompensa comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.” (Apoc. 22:12).

Se não houvesse o recíproco no homem, não haveria imputação alguma.

106. Como a recepção e o recíproco estão no homem, por isso a Igreja ensina que o homem deve se examinar, confessar seus pecados diante de Deus, desistir deles e viver nova vida. Que toda Igreja no mundo cristão ensina isso, é o que se viu acima (ns. 3-8).

107. Se não houvesse recepção da parte do homem, e, então, o pensamento como se procedendo dele, não se poderia dizer coisa alguma da fé, pois a fé não vem tampouco do homem. De outro modo, o homem seria como a palha ao vento, e seria como inanimado, com a boca aberta e as mãos pendidas, esperando o influxo, nada pensando e nada fazendo quanto às coisas que pertencem à sua salvação. A verdade é que nada faz a respeito delas, mas, no entanto, reage como por si mesmo. Mas essas coisas serão referidas sob luz ainda mais clara nos tratado sobre a Sabedoria Angélica.

Cap. XIV Se alguém fugir dos males por qualquer outra causa que não seja porque são pecados, não foge deles, mas somente faz que não apareçam diante do mundo.

108. Há homens morais que observam os preceitos da segunda tábua do Decálogo: não fraudam, não blasfemam, não se vingam, não adulteram; e os que dentre eles confirmam que esses são males porque são danosos à causa pública e, por conseguinte, contrários às leis da humanidade, esses exercem a

caridade, a sinceridade, a justiça e a castidade. Mas se praticam esses bens e fogem desses males somente porque são males, e não ao mesmo tempo porque são pecados, eles são, contudo, meramente naturais. E nos homens meramente naturais a raiz do mal permanece implantada, e não é removida. Por isso, os bens que eles fazem não são bens, porque os fazem por si próprios.

109. O homem moral natural pode parecer, diante dos homens no mundo, inteiramente semelhante ao homem moral espiritual, mas não diante dos anjos no céu. Diante dos anjos, no céu, ele aparece, se está nos bens, como uma imagem de madeira, e, se está nos veros, como uma imagem de mármore, nas quais não há vida. É diferente com o homem moral espiritual, porque o homem moral natural é um moral externo, e o homem moral espiritual é um moral interno, e o externo sem o interno não vive. Vive, é certo, mas não a vida que se chama vida.

110. As concupiscências do mal, que constituem os interiores do homem por nascimento, não são removidas senão pelo Senhor, somente, pois o Senhor influi pelo espiritual no natural, mas o homem influi por si mesmo pelo natural no espiritual, e esse influxo é contra a ordem e não opera nas concupiscências nem as remove, mas as encerra cada vez mais estreitamente conforme ele se confirma. E como o mal hereditário fica assim latente e encerrado, esse mal, depois da morte, quando o homem se torna espírito, rompe a cobertura com que foi velado no mundo, e explode como pus de uma úlcera curada somente no exterior.

111. Há muitas e variadas causas que fazem que o homem seja moral na forma externa, mas se não se torna moral também na interna, não é realmente moral. Por exemplo, se alguém se abstém dos adultérios e das exortações por temor da lei civil e de suas penas; pelo temor da perda da reputação e, daí, da honra; pelo temor das enfermidades provenientes; pelo temor das querelas no lar com a esposa e, daí, perder a tranqüilidade da vida; pelo temor da vingança do marido ou dos parentes; por indignância ou por avareza; por debilidade proveniente ou de doença, ou do abuso ou da velhice, ou da impotência; se mesmo se abstém por causa de alguma lei natural ou moral, e não ao mesmo tempo por uma lei espiritual, ele, todavia, não passa de um adúltero e devasso interior. Com efeito, crê, não obstante, que esses males não são pecados e, por conseguinte, não os considera ilícitos em seu espírito, diante de Deus. E assim, em seu espírito os comete, ainda que não os cometa no corpo, diante do mundo. Por isso, após a morte, quando se torna espírito, fala abertamente a favor desses males. Por aí é evidente que um ímpio pode fugir dos males como coisas danosas, mas só um cristão pode fugir dos males como pecados.

112. Acontece coisa semelhante com os roubos e com as fraudes de todo gênero; com os homicídios e as vinganças de todo gêneros; e com os falsos testemunhos e as mentiras de todo gênero. Ninguém pode limpar-se deles

nem purificar-se por si próprio, porque há inerente em cada concupiscência uma infinidade de coisas que o homem não vê senão como uma só e simples coisa, mas o Senhor vê singularíssimos em toda serie. Em uma palavra, o homem não pode regenerar-se por si mesmo, isto é, formar em si um novo coração e um novo espírito: só o Senhor o pode, porque Ele é o Reformador mesmo e o Regenerador mesmo. Por isso, se o homem quiser tornar-se novo por sua própria prudência e inteligência, é somente como aquele que põe uma pintura sobre um rosto disforme, ou que esfrega linimento sobre uma parte interiormente infectada de putrefação.

113. É por esta razão que o Senhor diz em Mateus:

“Fariseu cego! limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o seu exterior fique limpo.” (23:26);

E em Isaías:

“Lavai-vos, purificai-vos, e afastai a malícia de vossas obras de diante de Meus olhos; cessai de fazer o mal; ... E ainda que os vossos pecados fossem como o escarlata, como a neve se tornarão brancos; se vermelhos fossem como a púrpura, como a lã serão.” (1:16, 18).

114. Às coisas que foram ditas acima, serão acrescentadas estas:

I. Que a caridade cristã consiste em que cada um aja fielmente em sua função; porque, assim, se fugir dos males como pecados, pratica os bens quotidianamente, e ele mesmo é seu uso no corpo comum. Assim, serve também útil a todos em geral e a cada um em particular.

II. Que todas as outras coisas não são propriamente obras da caridade: elas são unicamente sinais, ou benefícios, ou deveres da caridade.

Fim